

RIL



revista literária

12

revista literária do corpo discente da ufmg

**REVISTA LITERÁRIA DO CORPO DISCENTE DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**

NOVEMBRO DE 1977

ANO XII — NÚMERO 12

Revista Literária do Corpo Discente da Universidade Federal de Minas Gerais

COMISSÃO DA REVISTA

PLÍNIO CARNEIRO

ORLANDO BIANCHINI

MARIA ANTONIETA ANTUNES CUNHA



BELO HORIZONTE — MINAS GERAIS — BRASIL

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS



PUBLICAÇÃO Nº 671

IMPrensa UNIVERSITÁRIA

Caixa Postal 1.621 — 30.000 - Belo Horizonte, MG — Brasil

Edições da

REITORIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS



ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA:

SERVIÇO DE RELAÇÕES UNIVERSITÁRIAS DA UFMG

**8º andar do prédio da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG
Rua Carangola, 288**

30.000 — BELO HORIZONTE — MINAS GERAIS — BRASIL

INDICE

CONCURSO DE CONTOS

Desafio — Walden Camilo de Carvalho	9
Cochó do Péga — Aloyzo de Souza Rocha Filho	11
Incidente — Osias Ribeiro Neves	16
Trabalhos Escolhidos — Menção Honrosa	
Final de Jogo — Lúcia Castelo Branco	21
O Estrado — Giovani Bertu	25
Todos os Apartamentos — José Alexandre Gomes Marino	29

CONCURSO DE POEMAS

— Nuno Tomaz Pires de Carvalho	37
Descobrimento — Lúcia Castelo Branco	40
«Minas» Mujer — José Angel Silva Delgado	42
Trabalhos Escolhidos — Menção Honrosa	
Lembranças — Cláudio da Cunha Pimenta	45
De Alguns Depoimentos e um Relato — Osias Ribeiro Neves	47
Soneto da Mediocridade — Sócrates Zenóbio Pinheiro Neto	53

SEGUNDA SEÇÃO

POEMAS

O Pombo — Maria Consuelo Porto Gontijo	59
A Coruja — Maria Consuelo Porto Gontijo	61
O Poeta na Ponte — Valéria Furtado Azevedo	63
João Vida — Valéria Furtado Azevedo	65
Momento — Álvaro Eustáquio Rocha Fraga	66
Bicho — Régis A. D. Gonçalves	67
Quietude — Lígia Muniz	68

Extensões — Reinaldo Reis	69
17 Bissexto Inéditos — Renato de Pinho	71
A Flor da Pele — Ronald Claver	75
Nosso Tempo — P. Pontes	81

CONTOS

Choro Convulso — Hugo de Almeida Souza	85
Espia, Mãe, Você Já Reparou Que Aqui Não Tem Urubu? — Welber S. Braga	88
Interlúdio da Mulher Morta — Ana Maria de Almeida	92
Banda Veneno — Duílio Gomes	96

ENSAIOS

50 Anos do Primeiro Livro de Eduardo Frieiro — Danilo Gomes	107
Índio e Letras no Brasil — Ana Maria Viegas	112

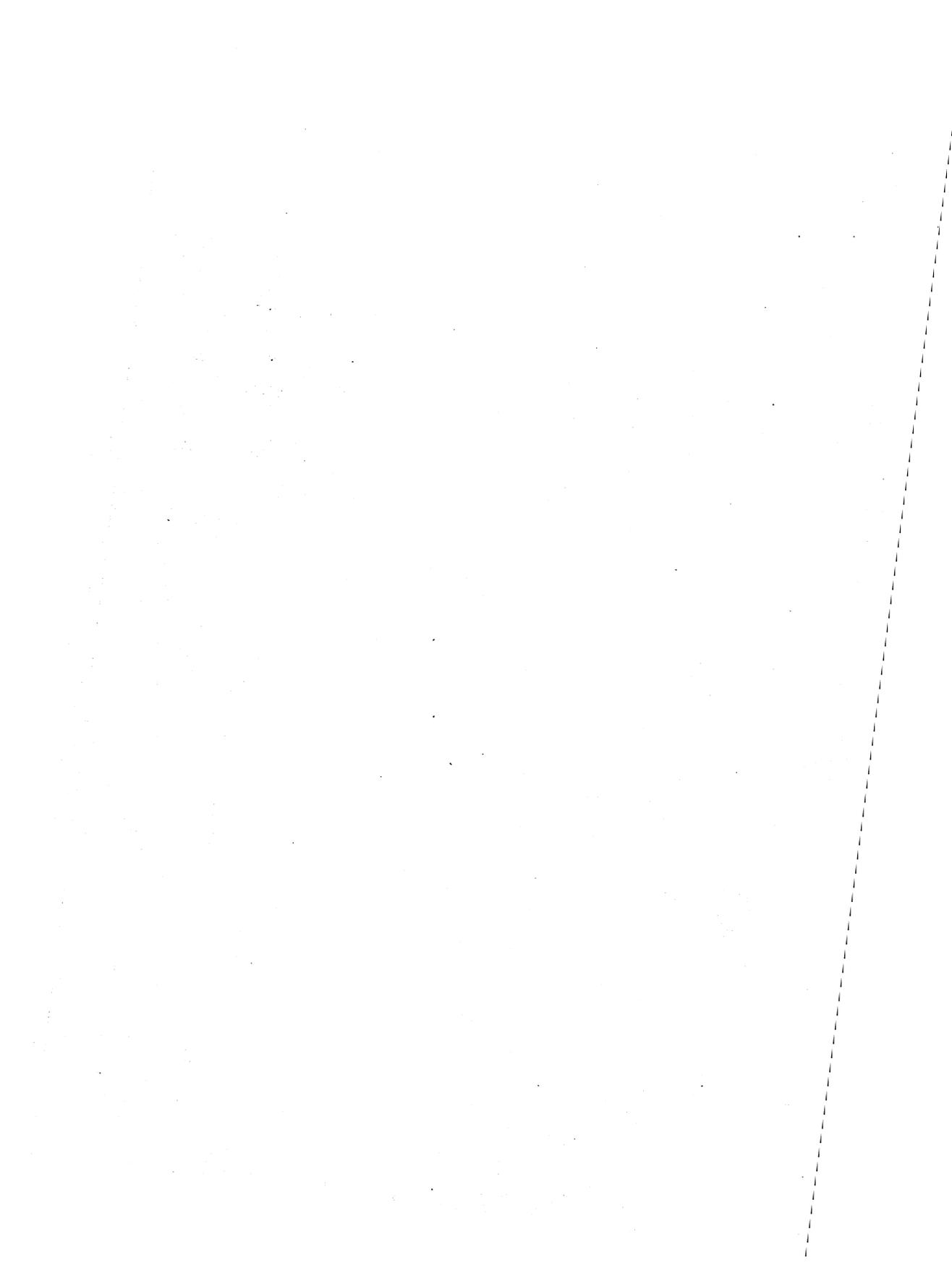
RESENHA

Estatística da Revista Literária	133
Relação dos Contos Recebidos	135
Relação dos Poemas Recebidos	138
Publicações Recebidas	153
Críticas à Revista Literária	155

RL

revista literária

CONCURSO
DE
CONTOS



DESAFIO

D A B U

Walden Camilo de Carvalho

Curso de História — FAFICH

Quando saiu do buraco era um começo de noite. A lua estava cercada de uma fumaça azul e todo o resto do céu era verde, com um ou outro ponto brilhante, que talvez fosse aquilo que chamam de estrelas. Lembrou-se de quando ficava sentado nos trilhos da estrada de ferro e conversava com um pretinho chamado Vicente e falavam de viajar pelo espaço em naves prateadas e cheias de armas de raios. Falavam também numa guerra entre o Brasil e a Rússia, que seria gloriosamente decidida pelos Estados Unidos, que correriam a nos salvar daqueles canibais do outro lado do mundo. Mas isso foi há muito tempo, e agora enquanto tenta colocar a cabeça no lugar essas histórias começam a voltar pro fundo, de onde não deviam ter saído; vê que tudo está reduzido a uma enorme planície de escombros. Tijolos, ferro, cimento, corpos. Homens, mulheres, crianças e animais, alguns queimados e outros não. Aquelas mulheres lindas que via nas revistas deviam todas estar por aí, no meio de toda essa confusão, provavelmente mortas, com os seus corpos macios, os seios pequenos e pontudos, seus sexos sem cabelos, as coxas grossas. Agora isso não ia ter graça mais. Isso lhe fez lembrar que não comia há muito tempo, e não sabia bem quanto tempo havia permanecido ali, naquele buraco. Era preciso achar alguma coisa pra comer. Tentou lembrar onde havia um armazém. Talvez, debaixo dos tijolos. Foi nesse momento que começou a sentir o cheiro pesado de toda a cidade que apodrecia e pensou que era preciso achar logo alguma

comida e sair dali para algum lugar longe. Lembrava apenas de uma imensa explosão e de um calor forte demais. Era bem possível que achasse, também, alguma roupa mais nova do que aquela que andava usando há bastante tempo. Se não tivesse sobrado ninguém, não ia ter a quem pedir mais esmola. Então, era realmente necessário descobrir onde havia comida, se é que ainda havia alguma coisa. Voltar a comer raízes era uma coisa muito desagradável.

Tinha certeza de que aquele era o sétimo dia. As mãos já estavam muito esfoladas e as unhas haviam desaparecido. Pensou em descansar um pouco antes de tentar, pela última vez, vencer o resto de terra que bloqueava aquele túnel. Já havia perdido a sensação de fome e sede. Só havia uma coisa: era preciso sair dali e sobreviver. Não tinha a menor idéia do que havia acontecido. Só a explosão e o calor. Fez um último esforço e o bloco rolou para fora. Estava no meio de um enorme monte de blocos de cimento armado e ferragem. A lua era azul e o céu estava todo verde. Devia ser o começo da sétima noite. Era domingo, disso tinha certeza. Um cheiro podre pesava no ar. Precisava ver se havia sobrado alguém vivo, apesar da impressão de que, pelo que via, isso era inteiramente impossível. No entanto, não ia chorar; não ia desistir de nada; ia sobreviver de qualquer forma, nem que fosse sozinha, já que estava tudo acabado e que talvez fosse a última coisa viva no meio de tanta destruição; ia sobreviver até a última gota de ar. Até a última partícula de radiação. De repente se viu de pé no mais alto dos montes de destroços, a mão esquerda fechada e erguida para o céu e soltando um urro animal que não partia de dentro dela, mas do fundo mais fundo do que tinha de humano. Como o urro de um símio desafiado. E ela era um símio e havia um desafio. No mesmo instante, um outro berro, forte e suficiente para cobrir e estremecer aquele caos, arrepiou todos os seus cabelos. Não chorou. Desceu e seguiu o seu rumo.

Tiveram dois filhos: Caim e Abel.

COCHÓ DO PÉGA

LOY DO COCHÓ

Aloyzo de Souza Rocha Filho

Curso de Comunicação Social — FAFICH

I — BOTÕES DOURADOS

O dia da MENTIRA amanhecera sombrio e assustado. É que, desde a véspera a aldeia vinha sendo sacudida pelo barulho de uma manada de nuvens que, em algazarra, vinham se enrolando umas nas outras, fazendo um barulhão medonho como se um milhão de tambores estivessem soando, apenas com breves segundos de pausa, quando tudo voltava e todas as pessoas ficavam ensurdecidas. Ensurdecidas e estranhamente tristes.

Eram oito horas da manhã mais escura quando Pedro Madalena vinha descendo a ladeira da Boa Vista, cantando suas canções que deliciavam as pessoas do Cochó do Péga. Os versos correndo, LIVRES...

«...eu vomitei num hotel suíço,

Foi um serviço de envergonhar...»

Todos seguiam o velho cantor-poeta pelas suas imaginárias viagens-aventuras, quando uma barulheira infernal irrompeu rasgando a pele das pessoas, suas casas, seus sonhos, seus amores, suas VIDAS!!!

Atrás disso tudo vinha uma fila imensa de carros, pessoas e tanques de guerra esmagando a tudo e todos que, levados pela curiosidade do repouso violado, ousavam ficar em seu caminho.

No meio da caravana vinha um carro grande e preto que parou no meio da Praça da Feira; dele desceram três homens altos, fortes, de óculos escuros e pesados casacos de cores diferentes entre si. Os casacos eram cheios de cruzes, mais parecendo um cemitério, e botões dourados que cegavam quem os fixasse.

As ordens pegaram o povo desprevenido! As casas foram tomadas pelos de botões dourados e seus seguidores; as três melhores para os primeiros e as outras para os segundos. O povo? Ah, o povo! . . . Este ficou pelos arredores da aldeia, embaixo das árvores e pontes. Debaixo do céu!

Daquele dia em diante as pessoas do povo teriam que doar, mensalmente, meio litro de sangue para saciar a sede daqueles homens que estavam cada vez mais corados e sorridentes. Com o povo ocorria o inverso.

Os hábitos e costumes foram alterados quando, radicalmente, foram instituídas leis violentas. O boteco de Avelinim Usura, ponto de encontro dos homens de mais de quarenta anos e de quem gostasse de uma conversa morna, tranqüila, embaçada pela fumaça dos cigarros de palha e regada por uma ou outra dose de cachaça «ZÉ LOPES» . . . Aos poucos essas reuniões foram sendo esquecidas devido à impossibilidade de se conversar de olho na porta, com medo da «União dos Soldados Atentos» — USA — homens truculentos e armados, com ordens de castigar a quem infringisse a «Lei do Silêncio Absoluto» — LSA — conjunto de disposições e normas que proibiam que se falasse qualquer coisa que fugisse ao mínimo necessário mesmo entre marido e mulher, pai e filho, irmão e irmã.

O que é de se estranhar é o fato de que as fazendas e os depósitos de mamona, de café, de açúcar e a fábrica de vinho ficaram intocados. Era comum ver os seus proprietários, gordos e bonitos, andando de carro com os de botões dourados. As fazendas, depósitos e mesmo a fábrica de vinho de jurubeba, mandaram embora todos os seus empregados. Na semana seguinte, as ruas enfeitadas de papel crepom, carros coloridos e com altofalantes convocavam de volta todos os empregados demitidos. Zé Pintado foi lá e voltou triste e de cabeça baixa. Deu um trabalho pra Caboclinha arrancar dele alguma coisa: «Deca me

chamou lá na fábrica e falou que se eu quisesse podia voltar, mas que só ia dar pra me pagar vinte contos! O diabo é que eu ganhava vinte e cinco e já dava na marra, imagine o que é que nós vamos fazer agora que tá tudo «pela hora da morte» e eu ganhando vinte contos!... O jeito é mandar Ermita e Zira trabalhar nas casas-de-família. Eu só não quero é que elas «caiam na vida» e fiquem por aí bebendo e sofrendo como cachorro!»

As mudanças atingiam a tudo! Quem não se lembra das partidas de futebol entre a Rua de Baixo e Rua de Cima? Jogava-se com bola de meia, bexiga de boi e tudo que pudesse servir de bola. Era um delírio!!! Com o tempo mudado os times ganharam camisas, chuteiras, bolas de couro e os jogadores passaram a ser considerados criaturas especiais, ganhando dinheiro, homenagens e reportagens nos jornais que restaram da estranha «epidemia» de incêndios que assolou o Cochó do Péga.

Um dia chegaram uns homens altos, louros e de olhos azuis que, soube-se depois, eram os patrões dos de botões dourados. Desceram de um carro enorme e, engraçado, falavam de uma maneira estranha, tudo enrolado!!! Esses homens louros mandaram construir uma casa que, pronta de um dia para o outro, se destacava das demais. A casa mesmo ninguém da aldeia jamais viu e contou. Imaginava-se como seria, pois os muros que a cercavam eram muito altos e encimados por fios de alta tensão para rechaçar possíveis curiosos. Apenas um, Liu, tentou ver o que se passava atrás dos muros. Zequinha de Avelina e Nilton de Idalina apenas viram um clarão e aquele bolinho de carvão que caiu ao pé do muro. Correram apavorados e, quando voltaram para espiar, o vento já havia levado o carvão feito em cinzas para longe.

Ninguém entendia nada do que os homens louros falavam. Quando andavam iam pisando em quem ficava na frente e xingando com palavras enroladas que amedrontavam as pessoas. Mais de um sentiu seu peito rasgado por rajadas de metralhadoras, porque os olhou de frente.

Era proibido falar, cantar, ouvir, sentir, amar, pensar, falar, correr, sorrir, pensar, falar! Tudo era proibido, menos abaixar a cabeça e obedecer.

Já não se ouvia o canto de Pedro Madalena fazendo cócegas nos ouvidos... Os meninos já não brincavam de pegador nem jogavam bolinhas de gude.

O colégio agora tinha disciplinários, professores severos com suas palmatórias e castigos.

Um dia os homens louros mandaram jogar no rio um «preparado» que fez as pessoas sempre sorridentes, embora se pudesse ver em seus rostos pálidos e magros uma tristeza profunda. Mas, sorriam sempre e continuam a sorrir até hoje, mesmo sem motivo.

Foi assim que o acontecimento inesperado e funesto mudou o curso das vidas e coisas do Cochó do Péga, que hoje tem um nome esquisito: FEUDAL BENEFICE.

II — REVOLUÇÃO

Silêncio!!!

As palavras que eu gostaria de falar me escorrem pelo canto da boca, pelo nó da gravata, pelo colarinho asfixiante da camisa listrada, tomando de assalto as casas e os botões dourados que, surpresos, não puderam pedir socorro nem reagir contra a força da correnteza levantada.

Inútil qualquer reação!!!

Depois de escorrer-me pela garganta, pelo pescoço, desceu pela barriga deixando um oásis no lugar do umbigo, escapou pelas pernas, saiu pelos pés e ganhou o mundo. Saiu feito louca, soltando gritos roucos que rasgavam as gargantas e tocavam os corações que, de endurecidos, pareciam talhados em granito vermelho.

As gargantas queimavam de ardor, desacostumadas que estavam de falar. As amígdalas estavam atrofiadas pelo desuso; os ouvidos ensurdecidos pelo silêncio-gritante; os olhos já não conseguiam captar os movimentos, acostumados que estavam de olhar para o chão.

As gargantas ardiam como pimenta malagueta. Mesmo assim as pessoas falavam e gesticulavam. Tudo isso, visto de longe, mais parecia um longo exercício de mímica e de muito perto, parecia uma grande feira livre.

E outra vez o silêncio reinou...

Isso durou apenas um segundo, tempo necessário para que a correnteza invadisse as casas, os guarda-roupas, as camas douradas, os cofres recheados de nosso suor e sangue, os quintais, as cercas farpadas dos campos de concentração, os palácios de areia, as pessoas de barro e metal, enfim, tudo que estava estabelecido para impedir o seu surgimento.

De repente, um sussurro: «Acorda, filho! Enxugue os olhos e venha!!!»

INCIDENTE

MARTILHO DAS DOCAS

Osias Ribeiro Neves

Curso de Ciências Sociais — FAFICH

O General contava histórias para as crianças à respeito da revolução. Matara cinco mil só com uma bomba atirada de um avião americano. Doze morreram estilhaçados por uma granada durante o combate em Cadirón.

As crianças brincavam de soldados à sua volta com metralhadoras, facas, fuzis de plástico.

Recuperando de um ferimento no ombro direito, o General falava dos 30 guerrilheiros fuzilados na última quarta-feira.

Se gabava muito de sua carreira no Exército. Subira ao posto de General há dois meses quando acabara com um bando de camponeses que resistiam ao sul de Acaúma. Usava ainda as mesmas botas do último combate e a vestimenta, a mesma farda que presenciara o massacre nos arredores de Mantero. Depois que passou a comandar as forças regulares do governo, as coisas mudaram muito e ele agora dissertava sobre os 38 inimigos de Estado que mandou jogar no mar.

De sua boca os canhões, o sangue dos sacrificados, os gritos dos oprimidos escapavam e ele nem se dava conta a não ser de vez em quando numa gargalhada ensaiada em suas entranhas. Se sentia muito feliz; o golpe havia sido dado em nome de uma possível desordem, de uma subversão e «era preciso arrumar a casa». De acordo com os acontecimentos, seria ele o próximo governante do país.

O general trazia o peito repleto de estrelas, como todos os generais, todas provindas de atos de «bravura», força das armas contra o povo indefeso de Acaúma.

Depois de um gole de Rum falava dos 23 que pessoalmente varou com sua espada de prata, presente de um general de um país vizinho.

Usava óculos escuros, como todos os generais, para esconder a cegueira.

As crianças faziam muito barulho atirando umas nas outras com suas armas de plástico, presente do General que nesta exata hora pedia, ordenava aos gritos que eles fizessem um pouco de silêncio para continuar as histórias que agora atingiam o auge.

Descrevia com todos os detalhes como assassinou o camponês Rodrigo, mulato comandante das forças rebeldes de Acaúma.

— Foi uma emboscada maravilhosa — comentava — que inclusive me deu o título de «A Serpente». Um tiro seco, o mais certo e preciso que já dei em toda a minha vida. O homem caiu feito animal abatido. Me aproximei dele, ainda estava vivo. Então peguei aquela faca que está pendurada ali e cortei-lhe primeiro as orelhas, depois as mãos e depois a cabeça. Mandeí que enviassem numa embalagem de presente, aos rebeldes do sul.

Neste momento o General sorria e parecia mesmo ter atingido o orgasmo. Reclinando um pouco o corpo para frente enquanto as crianças boquiabertas, imóveis, engoliam a seco.

A boca do General espumava, espermatozava no gozo pleno de seus sentidos e ele cada vez mais reclinava o corpo para frente até que se pôs de pé, ergueu a mão direita e num grito ordenou às crianças:

— Soldados!... Sentido!...

As crianças se aprumaram para receber as ordens do velho:

— Na cozinha — continuava — há uma velha inútil, parálitica, minha mulher, ex-mulher de um rebelde. Eu a quero aqui e se preciso for, façam uso da força.

Os pequeninos soldados desceram alinhados, apanharam a corda que fora usada pelo mestre num enforcamento de um traidor e se puseram rumo à cozinha, menos o menor de todos, um intruso, o mulatinho filho camponês de Acaúma que se encontrava na sala de troféus.

O General se contorcia num sorriso desesperado em completo êxtase que nem viu o mulatinho entrando, subindo na escrivaninha, retirando da parede a espada e se aproximando dele de mansinho e, sem vacilar, enterrar-lhe todo o aço.

CONCURSO
DE
CONTOS

TRABALHOS ESCOLHIDOS
MENÇÃO HONROSA

FINAL DO JOGO

IOHAN

Lúcia Castelo Branco

Faculdade de Letras

Caminhando pelas ruas, passos regulares de homem comedido, percorre cuidadoso a avenida central de tua cidade ou mesmo de teu país. Há árvores na tua avenida, dessas árvores estranguladas que o governo de teu país plantou na primeira semana nacional de proteção às plantas e aos animais. Não te comoves com o verde, cansado que andas destas tuas tendências bucólicas. Segues o teu caminho, passos firmes de homem decidido. Buzinas e freiadas e gritos de amanhecer não te perturbam. «É assim mesmo quando se alcança o equilíbrio», pensas satisfeito de tua situação confortável.

O prédio de vinte andares e filas de elevador te reserva sorrisos de sempre bons dias e correspondências antigas por receber. E sobes pelas escadas, caso te queiras dedicar a um pouco de ginástica matinal. Numa coisa tens mais sorte que o teu vizinho que, de muletas, não pode escolher entre a escada e o elevador. Sorris satisfeito num egoísmo natural que te fizeram crer humano e relembra maquinalmente a oração de São Francisco de Assis.

No escritório, olharás malicioso a secretária franzina que te parece hoje mais bonita. Ouves alguma coisa como «sim senhor», murmuras alguma outra coisa como «obrigado», e caminhas já apressado pra tua sala vazia. Teus passos então um pouco irri-

tados, constróem a tua imagem de patrão. Abres a janela pra permitir circular o ar. Lembras-te do ar condicionado recém instalado, fechas rapidamente a janela e te deixas resfriar naquele ambiente gelado. Horas e horas te passarão naquele lugar ali trancado de alô e telefones e assinaturas e polimentos e jornais de teu país. Não lerás os jornais, que não tens tempo; e caso haja tempo, há coisas melhores pra ler. Após avisar a secretária de que não entre sem antes bater à porta, te sentirás então escorregar pela cadeira giratória. Mulheres deliciosas, fotografias de revistas te passarão pelas mãos; desejarás todas elas e te permitirás alguns momentos fortuitos de criatividade sexual. Como já era de se esperar, o telefone te chamará neste exato momento e a voz gorda de tua mulher te trará de volta à realidade. Ela vai te falar das mensalidades atrasadas, da intransigência das crianças, da burrice da empregada. Ouvirás atento, cuidadoso que és com a manutenção de teu lar. Assinarás o cheque sem reclamar, o boy ficará encarregado de entregá-lo à tua mulher. Não, não almoçarás em casa. «Não há tempo, meu amor», dirás numa voz adocicada que quase a comoverá. Caminharás para o restaurante mais próximo onde os amigos te esperam. Conversarão animados e, de aperitivos em punho, se dirão grandes coisas de homens de negócios. Observarás descuidado que teus amigos engordam. Observarão descuidados que tu engordas também. Combinarão decididos uma pelada nos domingos ensolarados. Tens receio de que tua mulher reclame — é preciso levar as crianças ao clube ou ao parque — darás um jeito. Diante do fillet mignon mau passado recordarás os petiscos de tua mulher. «Nenhuma comida no mundo substitui a comida caseira», pensarás satisfeito na mulher que tens. E a tarde te passará então mais lenta, tua sala já gelada do ar condicionado possante, tua secretária apressada de vai e vens. Observarás despretenso as coxas magras de tua secretária. Estas coxas não te provocarão agora. Pensarás rapidamente nas mulheres que te caminharam pela vida. Terezas, Cristinas, Marias, Helenas. Terás saudade. Tempos passados de juventude. E danças e abraços fortuitos nas esquinas. Como quando eras menino e

um sorriso te bastava para que tivesses o coração em fruta. Não, não terás saudade. Os olhos úmidos te incomodam, alguém pode perceber. E atenderás procuradores, corretores, promotores, vendedores, senhores de dignidade. E te falarão progressistas, derrotistas, comodistas, terroristas de todos os dias. E ouvirás e responderás, eternamente atento às pessoas. Até que te cheguem gratificantes as seis horas da tarde. E as filas de elevador te reservarão boas noites e até manhãs. E caminharás lentamente a avenida central do teu país, o relógio da prefeitura te avisando de que não há pressa. Passos regulares de homem comedido que és.

Em casa te esperam mulher, filhos e jantar. Beijarás na testa tua mulher, as crianças te subirão pelas pernas. Ouvirás alguma coisa como «papai», murmurarás alguma coisa como «meus filhos». Falarás do trânsito, do trabalho, do calor. Tua mulher te dirá «meu amor». Não perceberás, cansado que te sentes no fim do dia. Jantarão, e carentes se aconchegarão no sofá. As crianças dormirão estiradas no tapete, tua mulher já roncando diante da televisão. Tentarás levantar pra mudar de canal, a cabeça dela te pesa no colo. A empregada que vem, e de avental te oferece sorrindo um café. Observas nervoso que lhe faltam alguns dentes. Aceitas gratificado o café que mais te parece um chá. A empregada se despede e se encaminha pra cozinha, talvez vá dormir. Subitamente, te entregas a um medo adolescente de estar ali sozinho, diante da TV. Marilyn Monroe te observa de olhar antigo. Levantas-te de gestos delicados pra não acordar tua mulher, caminhas apressado atrás da tua empregada. Ela já se prepara pra dormir, volta-se assustada com o patrão que lhe aperta as costas. Já agora audacioso, convém convidá-la para tomar um vinho. Não menos assustada, ela terminará por aceitar numa condescendência natural. E beberão, madrugada a dentro. O vinho nos olhos, cabeça e coração, ela já se deixará rir despreocupada. Diante de ti Marilyn Monroe, Rita Hayworth, Ava Gardner, todas as mulheres do mundo te convidam para o filme. Corpo sensual delineado sob a camisola transparente. Gestos insinuantes de mulher experiente. (Neste momento podes te chamar José, Maria ou João; podes até

mesmo ser homem, mulher ou criança — o autor te permite a escolha). Te aproximarás lentamente daquela mulher que te ri e de mãos trêmulas te afagarás os cabelos louros, produto de teu delírio alcoólico. E te dirás num murmúrio: «Vamos nos sufocar». E ela te permitirá, condescendente que é, louca que se torna de copos de vinho no sangue. E os dois poderão rir ou chorar, gritar ou permanecer quietos, à espera. O gás escapando denso do forno, te sufocará devagar. E tu te deixarás aspirar levemente, aspirações regulares de homem comedido que és.

O ESTRADO

JOÃO DUTRA VILA RICA

Giovani Bertu

Curso de Engenharia Mecânica — Escola
de Engenharia

Como é que pudera esquecer aquele estrado? Não sabia, mas esquecera. Talvez fosse porque estivesse em um canto do quintal, junto com algumas tábuas, caixotes, e coisas velhas e usadas nas quais ninguém prestava mais atenção. Era um estrado de cama, e ainda estava em bom estado. Mas infelizmente só agora o descobrira. Podia deixá-lo ali, simplesmente, ignorando sua presença, confundindo-o com as tábuas e os caixotes. Mas seria uma lástima. Um estrado ainda novo! E bem que seria útil, se os parentes chegassem em maior número do que era possível amontoar nas camas e nos sofás da sala. No dia da mudança organizara tudo. Todos os objetos foram colocados em caixas, amarrados e empacotados.

Mudança é sempre assim: é fácil tirar tudo, juntar em montes, colocar em uma caixa e carregar para o caminhão. Mas triste mesmo é no momento de arrumar tudo na casa nova: montes de livros se empilham pelo chão e roupas por sobre as cadeiras. Vidros, pacotes, revistas e uma infinidade de objetos se espalha por toda a casa, atrapalhando a passagem, impedindo que a gente se movimente. É então que não se consegue encontrar nada para se colocar nos devidos lugares. Onde estão meus sapatos? E meu radinho de pilha? Não encontro o secador! Junte-se a isto a algazarra da criançada que encontra naquele movimento e naquela agitação um grande encantamento, e corre por toda a casa seguida

pelo cachorro que late ruidosamente, e tem-se então um quadro típico do que é uma mudança normal organizada.

Organizada! Ele dissera. Nossa mudança será organizada. Nem ao menos um alfinete será perdido! Arranjou então várias caixas e colocou em cada uma delas as panelas, os pratos, as toalhas, os lençóis, os sapatos, etc., e anotou em qual caixa se encontrava cada objeto. Organização, minha filha, organização! E supervisionava o serviço de todos. A mulher e os filhos ocupadíssimos no trabalho, enquanto ele corria de um lado para outro muito preocupado com o sucesso do empreendimento.

No momento de sair, o caminhão carregado de caixas, caixas e mais caixas, voltou uma última vez para uma busca geral. Vasculhou os quartos, sala, cozinha; olhou no quintal e até na casa do cachorro. Nem ao menos uma tampinha de coca-cola! Voltou satisfeito: pode tocar! E o caminhão velho, quase desmontando sob tanto peso, partiu lentamente, deixando para trás os gritos da molecada que se divertia com a cena.

Pela manhã bem cedo voltou à velha casa para uma última olhada. Casa fiel! Nunca causara problema. Tivera que subir ao telhado para acabar com as goteiras apenas quinze vezes; os canos se entupiram somente umas trinta vezes; e tivera alguns probleminhas com a instalação elétrica, com as fechaduras, a madeira podre das janelas e o encanamento do banheiro. Pouca coisa para um período de um ano.

Mas nessa sua visita de despedida avistou o estrado ali no canto, e agora não sabia o que fazer. O jeito é chamar novamente o caminhão, pensou. Procurou então, o motorista. Este disse em quanto ficaria o serviço: é tanto! Mas é um absurdo! É apenas um estrado, leve, só leva um minuto para colocar na carroceria! Mas o motorista não cedeu. O senhor sabe como é! O percurso é o mesmo de ontem, muito movimento, e a gasolina anda muito cara! E foi irreduzível. Então é assim? Pois que se dane! Arranjo outro que faça o serviço mais barato! Não arranjou. Apelou então para um táxi. O motorista do táxi achou que era piada. Um estrado de cama? Tá brincando? Acha que meu carro é caminhão de carga? Se ainda fosse galinha ou saco de batata, vá lá! Mas, estrado? Essa não!

Voltou para a velha casa e contemplou a causa de seu martírio: não sei porque tive que voltar aqui e encontrá-lo! Antes tivesse saído com a mulher e os meninos para fazer compras! Ficou andando de um lado para outro tentando encontrar uma solução. Podia levar no ônibus! Não. Certamente não permitiriam, alegando que isto seria contra os bons costumes. E se desmontasse tudo e levasse algumas partes de cada vez? Não, muito trabalhoso e sem garantia de que ficaria perfeito depois de montado! Podia chamar um helicóptero! Apelou: eu mesmo levo! Pegou o estrado e pôs o pé na estrada. Afinal de contas, não era tão longe que ele não pudesse levar a pé: só uns doze quarteirões pelo centro da cidade...

Na rua, começou a atrair a atenção dos que passavam. Afinal, não é todo dia que se vê alguém carregando um estrado daquele tamanho pelas ruas mais movimentadas da cidade!

Logo na primeira esquina esbarrou com um senhor que esperava o ônibus. Por que não olha por onde anda com essa coisa? Desculpe! Mais à frente esbarrou em um estudante. Desculpe! No meio do quarteirão foi a vez de um homem. Desculpe! E uma senhora. Desculpe! E um menino. E um soldado. E um casal. Desculpe! Desculpe! Desculpe! Desculpe!

Suas mãos e suas costas doíam quando conseguiu finalmente vencer o primeiro quarteirão. Faltavam só onze! Mas a rua, que antes parecia plana, era agora uma longa subida. Seguiu em frente. Ao atravessar uma avenida, o sinal abriu de repente, dando passagem aos carros, e suas buzinas foram como chicotadas que o fizeram apressar-se com sua carga. Quando alcançou o outro lado parecia que andara vários quarteirões.

Não havia percorrido nem metade da distância e quase já não se agüentava mais de pé. Parecia que o estrado multiplicava seu peso durante o percurso. Já não via com clareza o que se passava à sua volta, mas não parava. Quanto antes chegar, melhor, pensava. Mais à frente pisou em um buraco e caiu. Levantou-se com dificuldade, colocou o estrado nas costas e seguiu cambaleante seu caminho. Logo adiante caiu novamente. Um inspetor apitou, e para ele foi como outra chicotada. Pensou que iriam prendê-lo. Quem sabe era proibido transportar estrado de cama

pelas ruas? Levantou-se mais uma vez e prosseguiu. Várias pessoas já o acompanhavam à distância. Quem é esse sujeito? O que está fazendo? Está carregando um estrado. O que? Estrado? Carregando estrado? Deve ser algum maluco! Já caiu duas vezes. Talvez seja promessa! Quem fez promessa? Aquele sujeito fez promessa, e está carregando um estrado pela cidade!

Suava por todos os poros, mas seguiu em frente. Em um cruzamento perigoso quase ficou para sempre no asfalto. E a multidão de curiosos que o seguia aumentava a cada passo. Todos queriam ver o homem que carregava um estrado como promessa.

Sentia sede, muita sede! Mas não queria parar para nada. Não podia parar! Na esquina, o sinal fechou. Distinguiu confusamente um homem sair de um bar com um copo na mão e lhe oferecer. Levou o copo aos lábios e cuspiu: era cachaça!

Continuou sua vacilante jornada. Não sabia quanto já andara, e mesmo que não houvesse aquela quantidade de pessoas à sua volta, não perceberia com clareza onde se achava. Aliás, já nem percebia que caminhava cercado de curiosos.

Dessa vez não havia nenhum buraco no chão, mas ele tropeçou mais uma vez e caiu. Alguém estendeu o braço e o ajudou a levantar-se e a colocar o estrado sobre os ombros. Uma senhora deu-lhe um lenço: enxugue o sangue do rosto, meu filho! Pegou o lenço e passou-o pelo rosto. Aumentou sua confusão mental, pois pensou ter nas mãos um espelho.

Sentia que se caísse novamente não se levantaria mais, mas só sabia que devia seguir, subir, seguir. Viu por acaso a placa de uma casa: rua Calvo Vigário, 33. Chegara. Abriu o portão e entrou ofegante. Jogou o estrado ali mesmo no chão. A multidão se acotovelava nos muros para olhar. Quase morrendo de cansaço, deitou-se ali mesmo, de braços estendidos sobre o estrado, contemplando um sol muito claro e brilhante. Que não ficou claro e brilhante por muito tempo, pois nuvens escuras o cobriram e começou a trovejar. A multidão se dispersou quando grossos pingos começaram a cair. Mas ele nem ligou. Morto de cansaço, ficou ali mesmo sobre o estrado, muito quieto. . .

TODOS OS APARTAMENTOS

J A G O M A R

José Alexandre Gomes Marino

Escola de Belas Artes

Moro num apartamento privilegiado, no oitavo andar do Edifício América. Há outro edifício bem em frente, que se presta como verdadeiro cinema para espectadores atentos como eu. Além da vantajosa localização, tenho uma luneta de longo alcance, comprada a prazo às custas de grandes sacrifícios. Trabalho numa humilde loja de eletro-domésticos, emprego que proporcionou-me instrumento tão maravilhoso. Sinto-me plenamente satisfeito e feliz, apesar dos longos meses de fome que passei para pagá-lo.

Nosso bairro é pobre, o que me traz certas vantagens. Este conjunto foi construído para abrigar os moradores de uma grande área desocupada há tempos atrás. Por isso os prédios encontram-se em tão mau estado, sujos e feios. E vão continuar assim. Nos bairros ricos, a prefeitura cuida das ruas, planta árvores e exige dos moradores a máxima conservação, além de proibirem roupas nas fachadas e coisas assim. Aqui, não. O governo construiu os prédios, a prefeitura trouxe-nos para cá e não se preocupou mais conosco. Só se lembra de nós para receber impostos. Temos muitos problemas, mas pouca importância. Vocês moram às nossas custas, ouviu certa vez na prefeitura um dos moradores. Ignoramos, para que os ignoremos. Por tudo isso, os prédios são tão mal-cuidados. Não existem cortinas nos apartamentos, os mais envergonhados (ou incomodados com o sol) colam jornais nos vidros que ainda estão inteiros.

Mas, devo dizer, sou feliz. Quase nunca converso com os vizinhos e nunca fui à prefeitura fazer reclamações. Vivo em paz na minha solidão. Detesto pessoas, por isso odeio tanto meu emprego na loja. Mas minhas noites compensam meus dias.

Daqui desta janela tenho uma visão panorâmica de todo o edifício em frente. Por toda noite vejo, nos diversos apartamentos, desatentas ou indiferentes mulheres nuas ou semi-nuas, relações sexuais de todas as formas e mesmo coisas menos interessantes como brigas, cenas de histerismo, velórios. Até parto já vi.

Sei que seria possível assistir a tudo isso sem a luneta, devido à proximidade entre os prédios. Mas a luneta traz muitas outras vantagens. Se um casal faz sexo com as luzes apagadas, a luneta permite divisar-lhes os movimentos: a aproximação compensa a falta de luz. Se houver lua, então, a visão torna-se quase perfeita. Além disso, posso observar atentamente os mínimos detalhes. Sempre que há uma mulher nua na mira, divirto-me observando suas formas, aproximando e afastando a imagem, prendendo-me mais nos órgãos sexuais, o que me dá a impressão de possuí-la à distância. Essa prática me excita e fascina.

É claro que tenho minhas janelas preferidas. Um casal do sexto, por exemplo. Eles vão para a cama várias vezes, a partir do momento que começo a observar, e sempre usam de grande imaginação em suas relações. É quando a luneta torna-se mais útil na minha observação. Vejo-os detalhadamente, com o máximo de aproximação, percorrendo-se com línguas e dentes. Depois de assisti-los várias vezes, já explodindo de excitação, masturbo-me enquanto eles rolam na cama pela quinta ou sexta vez. Sinto que meu orgasmo é mais violento que o deles. Depois disso, tomo banho e vou dormir.

Nas diferentes janelas, posso escolher entre salas, banheiros, copas, além de quartos. Aos domingos, durante o dia, ou mesmo à noite, quando estou saturado de cenas eróticas, procuro outros tipos de imagens. Se não há nada de diferente acontecendo nos apartamentos, geralmente procuro um aparelho de televisão. É lógico que as cenas sexuais ocupam a maior parte de meu tempo de observação, mas disponho de todas essas opções. O edifício é todo um mundo que tenho em meu poder, bem à minha frente,

nos meus braços. Com as coisas que ele me proporciona, mais a luneta, transformo-me no mais criativo dos cineastas, embora meus filmes só sejam visíveis por mim próprio e exibidos apenas uma vez.

Minha grande paixão é uma linda morena do quinto andar. As vezes ela parece entrar em transe. Dona de um corpo perfeito, despe-se no início da noite e, à luz de um abajur, deita-se e contorce-se em movimentos sensuais durante longo tempo. Não sei que forças estranhas a levam a comportar-se assim. Talvez a ausência de um ou outro homem. Várias vezes presenciei suas relações, nem sempre com o mesmo companheiro. Confesso que a prefiro assim, sozinha, em visível desespero, o corpo ardendo em fogo, insatisfeita por copular apenas com fantasmas. Vibro quando, explosiva, ela percorre as mãos espalmadas em suas perfeitas formas, em vã tentativa de gozar por todos os poros. Normalmente, adormece exausta horas depois, para despertar durante a madrugada, apagar a luz e voltar a dormir. Já tive oportunidade de passar noites em claro a observá-la, estagnado. E quando me passou pela cabeça a idéia de procurá-la, para talvez cobrir as ausências que assim a martirizassem, acabei por decidir-me pelo contrário: acredito que se de fato o fizesse, dificilmente eu teria um prazer tão intenso a ponto de compensar a perda dessa cena maravilhosa.

Gostaria de saber como se chama. Assim, sussurraria seu nome ao possuí-la à distância. Afinal, eu a amo. Mas o nome verdadeiro não é tão importante. As vezes a trato por Tânia, Lara, Ana ou Lourena, conforme nosso estado de espírito, conforme tiver sido nosso dia.

Ela entra no quarto agora: ajusto a luneta para bem próximo. Tânia senta-se na cama, despe-se lentamente. Parece clamar por minha presença. Vou aproximar-me ainda mais, para sentir bem de perto seus sussurros, Tânia.

Cerra os olhos. Talvez se lembre de um ou outro homem, o que para mim não importa, pois qualquer que seja sempre me coloco no lugar dele. Tânia vai sentir seu (meu) corpo incendiando-se nas chamas que ela libera em cada movimento. Ou talvez sinta novamente as lágrimas escorrendo pelo rosto quando lem-

brar-se daquela porta batendo contra seu desespero. De seu salto em silêncio contra a porta. Seu homem a fechara na saída, um segundo antes. Dizendo: não, Tânia, eu vou mesmo embora. Tânia sente ainda a madeira pressionando seu corpo, em tentativa ao mesmo tempo de atirar-se no corredor e lutar com todas as forças para não girar a maçaneta.

Mas os amores de Tânia podem ter outras histórias. Assim, enquanto seus dedos excitam seu corpo, ela pode estar se devolvendo outros momentos e despedidas.

Devolvendo à outra metade de sua cama uma presença impossível. Alguém chamado Josias. Tânia chega a falar-lhe: não acredito que você tenha ido embora; por favor, não saia nunca mais de meu lado. Nesse momento, ela estremece. Mas qualquer manifestação de seu corpo é inútil, pois jamais terá de volta Josias; Josias morto há tempos, enquanto trabalhava, num instante em que talvez tenha desviado para ela seu pensamento. Nem trará de volta o filho perdido, depois de ler a notícia, por acaso, numa banca de jornal.

Não, Tânia nunca teve um filho, nunca esteve grávida. Suas formas convencem-me disso.

Josias pode tê-la deixado decidido a não revê-la. Nesse caso, ele seria um artista frustrado. Depois de Tânia posar para ele dezenas de vezes, Josias descobriu que jamais conseguiria reproduzir suas perfeitas formas. Assim, desapareceu um dia, deixando um recado: «Tânia: preciso caminhar firme em frente. Mas você desvia minha rota e eu me confundo. Quero perdê-la de vista. Talvez um dia eu volte. Principalmente se eu atingir as páginas dos jornais. Adeus. Josias».

Mas talvez ela não sinta falta de seus amores. Simplesmente pela sua capacidade de levar para dentro de si a essência de todos os homens. Ou entregar-se a todos, como se entrega a mim agora.

A imagem dessa mulher me alucina. Por isso, enquanto a observo, crio suas histórias, como se ela as necessitasse. Mas, na verdade, basta-me que Tânia esteja assim bem próxima, enquanto meu desejo permite-me possuí-la.

Tânia levanta-se. Já deve ser muito tarde. (Vou chegar atrasado à loja amanhã). Caminha e debruça-se à janela, ainda nua. Vejo nítidas lágrimas em seus olhos. Elas escorrem até os lábios e Tânia cobre o rosto. Nunca esteve assim antes.

Agora, olha para baixo. Não é muito alto. Talvez pense em saltar e acabar com tudo de uma vez por todas. Não faça isso, Tânia! Há pouco movimento na rua, vejo sem a luneta. Tânia!

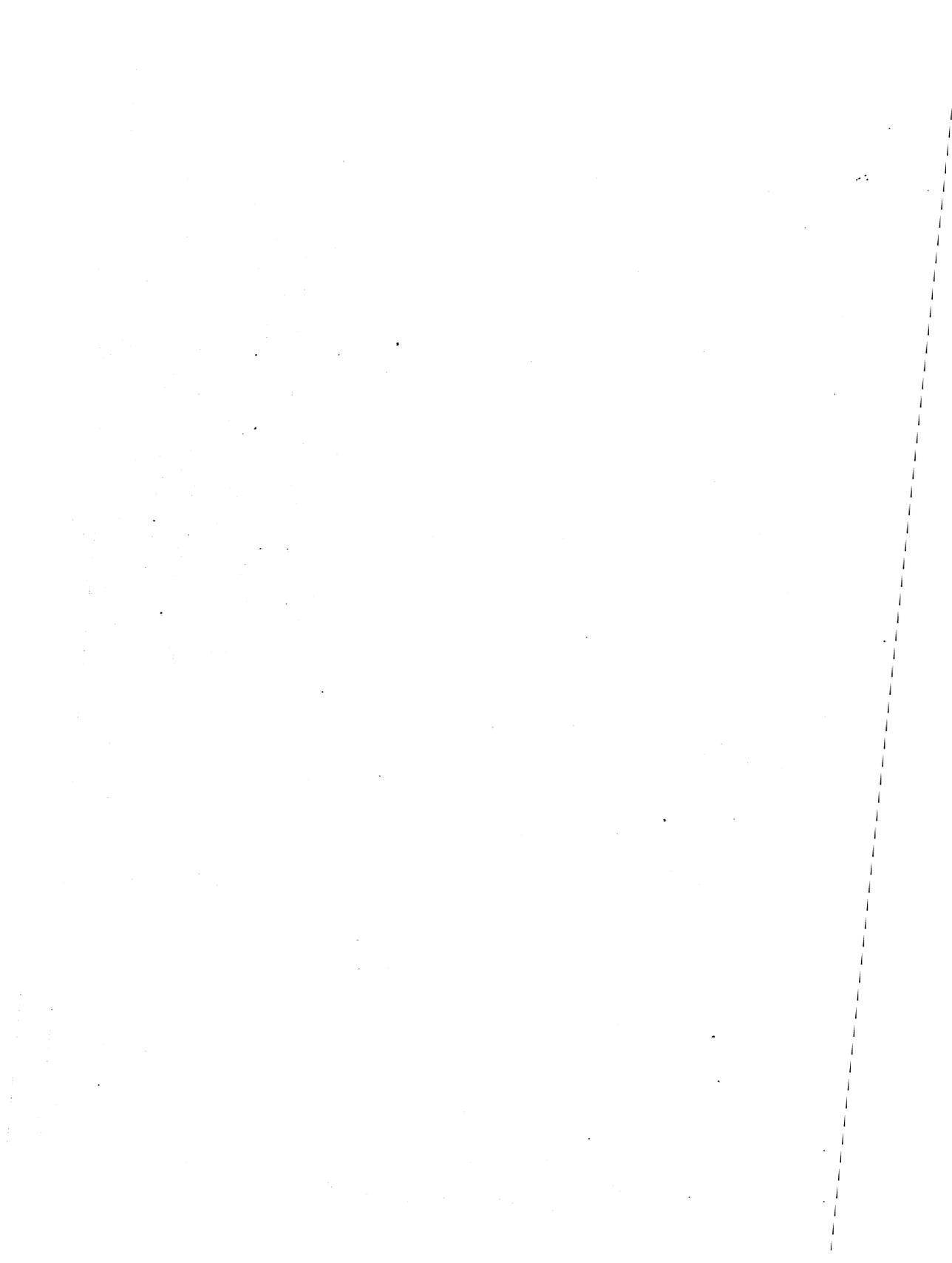
Atira-se no espaço e acompanho sua trajetória. Mas fecho os olhos antes que ela atinja o chão: não quero guardar a lembrança de seu corpo destruído pelo asfalto.

Amanhã, será Tânia que atingirá as páginas dos jornais. Só em ocasiões assim nossa gente consegue ser notícia.

RL

revista literária

CONCURSO
DE
POEMAS



AUGUSTO FRANCO

Nuno Tomaz Pires de Carvalho

Faculdade de Direito

É verdade que Luanda é feia e suja,
uma cidade estúpida como todas as cidades que não têm um
prefeito em condições.

É verdade que as ruas têm buracos, que o céu é cinzento
e que a baía só é bonita nos postais ilustrados
que a mostram vista da fortaleza, do porto, do porto e da fortaleza.

É verdade que a poeira entra por uma pessoa adentro com vento
ou sem vento,
que as águas da baía são nojentas
e que a ilha só tem de bonito os barcos que entram na barra.

Sim, é verdade.

Também é verdade que em Luanda, como nas outras cidades,
estacionar o automóvel é um bicho de sete cabeças
e que ao domingo à tarde a família vai descansar
para os engarrafamentos de trânsito da ilha.

É verdade que no meu prédio existe uma moça terrivelmente
prendada que até às tantas da manhã se entretém a tocar
qualquer coisa que deveria ser
piano

(acrescento já que ela é míope mental e calça sapatos 41);

é verdade que no meu prédio, desde o meio-dia até à meia-noite,
acontecem os mais incríveis jogos de futebol,
os mais sangrentos recontros entre índios e cow-boys
(o sheriff é o tal que nunca morre
e que acaba por liquidar — em duelo trágico mas leal — o
gun-man malfeitor e com cara de mau),
é verdade que no meu prédio acontecem os mais intrigantes boatos,
os mais mordazes comentários
e os mais fatigantes esgotamentos nervosos.
É verdade que aqui também alguém se embriaga para esquecer
alguma coisa,
e que alguém se suicida para fugir a alguma coisa,
e que alguém mata para conseguir alguma coisa,
e toda essa coisa está incluída na senha do machimbombo que
trouxe todo o mundo de casa para esta merda de vida.

E é verdade que os bordéis estão concentrados no Marçal,
e que no Prenda, volta e meia, há cenas de facada,
e que, por uma vez, eu assisti na ilha aos ciúmes desenfreados
da mulher enganada.

É verdade que há jardins
donde poderíamos colher girassóis
e pousá-los no coração cansado,
é verdade que aqui os pássaros também caem
e que às vezes um velho, cheio de medo de morrer, enlouquece,
é verdade que a mocinha feia que não conseguiu casar se prostitui,
que a pureza da flor
foi esquecida, amarrotada em limalha de ferro,
e que a minha vontade de chorar
oculta um desejo enorme de perdição.

Sim, isto é verdade.

Mas também é verdade
que pouco me importa que o prefeito seja um incapaz
e que as ruas tenham buracos;

pouco me importa que a Mutamba seja um nojo
e que os programas de rádio sejam chatos como o raio que os parta;
pouco me importa que a baía esteja cheia de óleo
e que a ilha seja feia,
e que as únicas belezas locais sejam os coqueiros, os coqueiros,
os coqueiros e outra vez os coqueiros,
e que se diga que quem cometeu o crime não foi fulano mas sim
beltrano que negocia em diamantes e tem os olhos
tortos;

pouco me importa, arre, pouco me importa,
porque em Luanda é que eu te conheci, mulher amada,
e eu e tu, mulher amada
(qual Luanda, qual carapuça!),
somos outra cidade, outro prefeito, outra baía,
os teus seios, outras colinas,
os teus braços, outras flores,
as tuas mãos em concha, outra esperança,
a tua boca entreaberta, outro desejo.

Luanda (Angola). 28-08-71

DESCOBRIMENTO

P E R S O N A

Lúcia Castelo Branco

Faculdade de Letras

Te percorro em calmarias
cabrálias, porto seguro,
estreitos canais baías.

Te caminho expedições
bandeiras, cruzes, espadas,
te penetro rios, ilhas,
lagoas e enseadas.

Te descubro finalmente
pulsações, sinais de vida
vento em popa, ventania
plantações, monte pascoal
vênus, marte, ossos, bacia,
terra firme, pantanal.

Índio, índia, marinheiro
negro branco degredado
invasor, anjo, demônio
devasse teus sentimentos.

E te exploro as costas
 (já não há limites)
E te navego os mares
 (já não há tratados) .

E te danço saltos
E te rezo missas
— ritual de sangue e mágica —
E te devoro a carne morena nativa
impulso dessa minha natureza incontida
 invasora, invadida,
 animal, antropofágica .

«MINAS» MUJER

DARIO 77

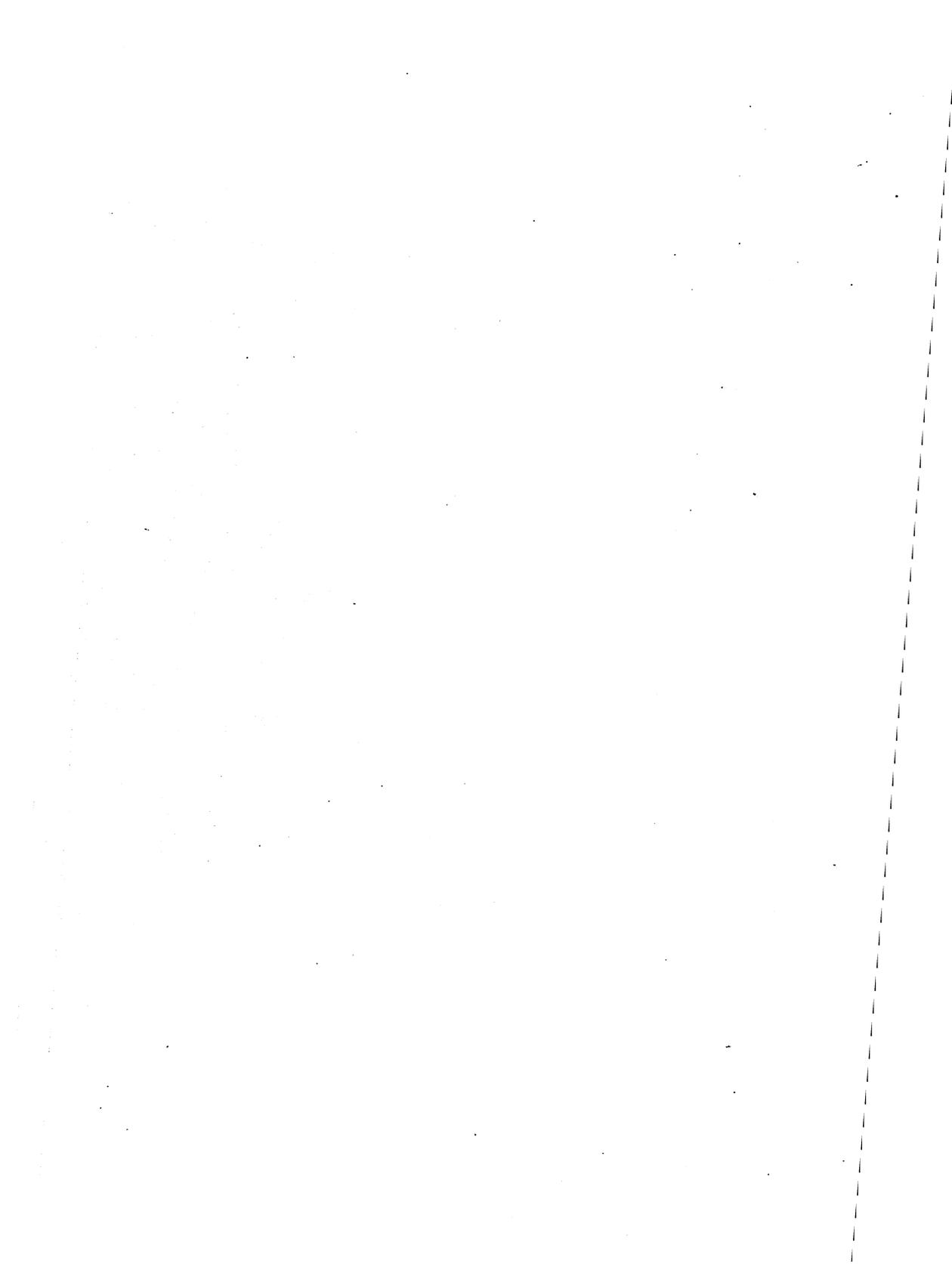
José Angel Silva Delgado

Escola de Arquitetura

Suaves
firmes
sensuales,
como las montañas de Minas
son las mujeres mineras.
Cuando uno se aproxima de ellas, (las montañas),
sus redondas formas sensuales
penetran dentro de nuestro ser.
El lánguido verde de sus faldas.
las formas
lo agreste
lo sofisticado
lo bello,
nos hace comparar
estas sexis montañas
con las mujeres de
Minas hechas de piedra jabón.
Suaves
firmes
sensuales,
como las montañas de Minas
son las mujeres mineras.
Las mujeres de Minas
son esculpidas en piedra jabón.

CONCURSO
DE
POEMAS

TRABALHOS ESCOLHIDOS
MENÇÃO HONROSA



LEMBRANÇAS

K A P P O T

Cláudio da Cunha Pimenta

Faculdade de Letras

I

Um copo de uísque na mão direita:

(...)

Tudo era bom naqueles tempos distantes.

O mundo era dourado e não havia preocupações com o futuro,

A vida era cheia de calma e só havia pureza dentro de nós.

Meu padrinho Zé, carregava-me de lá-para-cá, no meu carrinho de pau,

Ele me contava estórias para me fazer feliz,

O mundo era diferente através de seus lábios e olhos.

Era preto. Era pobre, é verdade, mas eu gostava dele.

A Dodô de Zica sorria para nós, me dava biscoitos.

Padrinho me dava medalhinhas de santo;

Só ficava com raiva de mim, quando eu gritava:

«— Zééééé!» ao invés de:

«— Padhiiiiim!»

Tudo era colorido e suave, naquele tempo:

o ar, o cheiro do mato, as brincadeiras, até mesmo o choro.

Não havia dor. Não havia tristeza e nem solidão.

Nada me inspirava medo ou preocupação.

Eu sorvia tudo aquilo sorrindo e correndo alegremente.

II

Um cigarro aceso no canto esquerdo da boca:

(...)

Tudo ainda era diferente nesses tempos.

A minha turma estava sempre junta; era a mais unida da cidade.

Todas as noites a gente se reunia no murinho da casa da Marta,
/para conversar,

O céu era limpo e o pensamento róseo-azulado.

Tudo era motivo de riso e discussão:

a cachorra Tita, que a Marta tratava como irmã;

o Relógio-falante que todas as noites badalava com sua voz de
/Taquara-rachada:

«— Marta, 10 horas!»

Então a gente ia embora.

No outro dia, tudo se repetia da mesma forma.

A Batistina era a mais alegre,

Era ela que ria muito do Ritual de Despedida da Marta:

«— Mãê, bênça — tiau — fi'com Deus».

«— Deus ti'abençoe — tiau — va'com Deus.»

A Fatinha era a mais quieta e calada,

Mas era a que mais sabia das conversas da cidade;

A Marta sempre «defendendo o mundo», que Iracema, Dô e eu
/acusávamos;

A Silvana e Beбето, namorando sempre.

Os nossos passeios. Ah. Os nossos passeios.

A Usina, o Retiro, o Benedito Barulho ou Zueira, como dizia o Dô,

Eram bons e divertidos, apesar de quase nunca a Batistina ir.

Como era gostoso.

Havia felicidade e vida. naqueles tempos!

DE ALGUNS DEPOIMENTOS E UM RELATO

(partes do livro inédito «1º de Maio»)

JOÃO DA SILVA RIBEIRO

Osias Ribeiro Neves

Curso de Ciências Sociais — FAFICH

porque a poesia deve ser mais que denúncia
e o poeta, como qualquer homem, tem que
assumir o seu papel histórico.

para
Isabela, minha filha
de 1 mês de idade.

«graças a Deus, comemos arroz, feijão, uns tiquinhos de
carne de segunda, ovos, tomates».

(Jornal Opinião nº 80, 20/05/74)

«Quando você tem uma noção de conjunto e dos outros
companheiros de trabalho é duro agüentar as injustiças.
A repressão é maior porque você tem consciência dela.
Fica como elemento suspeito».

(Jornal De Fato nº 18, setembro de 1977)

I

meu corpo
cansado e frágil
morrendo vem há milênios

em pedras, peças forjadas
de aço ou lataria
refeitas em cada dia
de onde sai o sustento
de muitas bocas famintas
aonde me arrebento
me estrago a cada instante
pensando a triste hora
de mostrar com «alegria»
os cacos de minha boca
pra minha nega Maria,
de brincar com os pequeninos
à noite no fim do dia
escondendo o enorme tédio
que habita este meu peito
ao saber que amanhã
novamente a covardia
de um homem
saindo ao trabalho
deixando a casa vazia
sem nada pra se comer
a não ser pão e farinha.

II

não tenho casa
não moro
escondo pelos escombros
em qualquer dessas favelas
nos cantos desse subúrbio
com uma penca de filhos
magrelos, adoecidos
que a toda hora reclamam
da vida que estão levando
e uma mulher acabada
pelas misérias da vida
que trabalha feito mula

dia e noite noite e dia
tecendo com o fio da fome
a desgraçada esperança
de ver seu velho marido
e filhos despossuídos
ganhando muito dinheiro
num emprego bom e seguro.

III

meu passo
é mais que mal dado
a derramar precipícios
a fabricar vil metal
nas peças que eu fabrico
pr'um senhor que não conheço
distante e desnaturado
que me paga um salário
de fome e de condenado.
meu braço
é mais que sabido
a construir edifícios
tecendo formas diversas
nos prédios que edifico
com pedra tijolo e barro
no prumo e na esquadria
pr'um rico senhor de barba
e carro último tipo
trepar com suas mulheres
bonitas, ricas, sadias.

IV

não lamentar esta dor
há muito nos olhos plantada
nem mutilar o semblante
há tempos dissimulado.

meu corpo é de operário
e minhas mãos calejadas
constróem a cada instante
algum pedaço de mundo.
não se perder nesta farsa
nem renegar o momento
meu compromisso é com os meus,
tristes e desesperados
mas não enlouqueço
nem me entrego à faca
pois que a história a meu lado
aponta para o futuro.

V

é João
sem
pão
e João
quer
pão
mas
o patrão
roubou
de João
a condição
de ter
o pão.

é João sem jeito
peito indeciso
guardando a mágoa
choro contido.
é João calado
cansado e torto
passo trocado
pesado e morto.

**É JOÃO COM FOME
BICHO OU HOMEM?**

é João tecendo toda a tristeza
contida firme na correnteza
do dia a dia que nunca finda .
é João tijolo cimento e barro
armando o berro pro dia claro
que com certeza amanhecerá .
é João cimento pela calçada
jogando o treze de sua vida
pelos azares da loteria .
é João tomando cedo a cachaça
pra agüentar tanta trapaça
em que tropeça no dia a dia .
é João correndo surrento e sujo
medrando medos sempre confuso
nas grandes pragas de sua vida .
é João com fome criança irada
fera ferida desesperada
gritando a sorte em plena rua .
é João pequeno fera faminta
entrando aos gritos pelo distrito
fome chibata chute e porrada .

**É JOÃO COM FOME
LIXO OU HOMEM?**

é João
sem
pão
fome
e porrada
trancafiado
na madrugada .
é João
sem

pão
boca
quebrada
corpo
cortado
por
chicotadas .
é João
morrendo
arrebentado
todo
sangrado
feito
capado .
é João
no
chão
corpo
quebrado
sangrando
feio .
Atropelado?

SONETO DA MEDIOCRIDADE

O APRENDIZ

Sócrates Zenóbio Pinheiro Neto
CEDEPLAR — Fac. de Ciências Econômicas

Só tenho
as meias
idéias
que desdenho.

Me atenho
às peias
e às teias
que engenho.

Mas ser poeta
— bom esteta,
é só cantar

e rimar
— melancolia,
com alegria. . .

«O APRENDIZ»

Post scriptum: soneto que testifica a continuada preocupação subconsciente do poeta em fazer exegese da forma, eis que o conteúdo permanece intocável. De parte disso, denota a ânsia de liberdade de expressão, ainda «encarcerada» no sonetismo. Constata-se um pronome proclítico iniciando o 5º verso — tentativa de libertação da forma, ante os cânones da Língua.

RL

revista literária

SEGUNDA SEÇÃO



POEMAS

O P O M B O

Maria Consuelo Porto Gontijo

o pombo
branca fragilidade
a morder dentro
do medo

os caça-dores

a retirar
da lembrança
o verde malva
que embala
sua triste espera

na rocha
o abrigo
a-guardar
lá dentro

a fome
o medo

lá fora

os caça
dores

o pombo
tão silencioso
tão subentendido
tão insubmisso

desceu fundo
em si mesmo
se viu
PAZ SEM PREGUIÇA
se entendeu:
UM CHEGAR COMO QUEM PASSA
se sentiu
NASCIDO PARA A LIBERDADE
apreendeu seu universo
de asas abertas ao vento
morreu em pleno vôo

A CORUJA

Maria Consuelo Porto Gontijo

a coruja

a piar exilada

no fundo da noite

cismas . . .

mais que mil palavras

seus olhos

de lua cheia

prestam uma atenção! . . .

a coruja

é arte do crescimento lento

a vida

serena inquietude . . .

a coruja

a recriar o silêncio
do tempo das falas

a noite

a queimar
na mata
o canto

a coruja prudência
 sem conter nos olhos

a noite
 descolorindo o dia

a coruja eterna por que paciente
 a assumir na lembrança
 dos bons tempos
 o envelhecimento
 do tempo de agora

a coruja persistente promessa
 de um novo dia .

O POETA NA PONTE

Valéria Furtado Azevedo

O rio,

Junto do poeta;

A cidade,

Junto do poeta;

O poeta,

O rio.

— O POETA NA PONTE —

A tarde,

Junto do poeta;

O silêncio,

Junto do poeta;

O poeta,

a tarde.

— O POETA NA PONTE —

O lodo,

Junto do poeta;

O verde,

Junto do poeta;

O poeta,
o lodo.

— O POETA NA PONTE —

A morte,
Junto do poeta;
A vida,
Junto do poeta;
O poeta,
A morte.

JOÃO VIDA

Valéria Furtado Azevedo

João Vida,
Deixa o teu jardim suspenso,
Baixa ao tempo
Incolor.

João Vida,
Planta no meu coração
Uma flor de esperança
Bem verde;

João Vida,
Mata minha sede
Com água branca
De neve.

João Vida,
Deixa o teu jardim suspenso,
Fora do tempo,
Da dor.

Vem no vento,
João Vida,
Primeiro-jardineiro;

Replanta este jardim
De mato
E morte.

MOMENTO

Alvaro Eustáquio Rocha Fraga

É quando ancoras teu barco
nos noturnos cais de minha alma,
quando descansas teu vôo
nas árvores de meu jardim,
que mais te quero
e mais te perco.

Pois tua impassividade
me arrebenta as amarras,
tua incoerência
me desfolha as flores,
teus fantasmas
me assombram os sonhos.

Me quedo roto,
rasgadas as roupas,
vazias as mãos,
machucado amor
nas dunas de tua cama.

BICHO

Régis A. D. Gonçalves

Tem as antenas da grande borboleta
e baila no ar irresponsavelmente.
Seu destino seja
talvez pousar no fogo
e se consumir para que todos vejam.

Tem a alegria e as cores
tristes da borboleta
mesma fragilidade e poder ostenta
seduzindo os fracos
atemorizando os fortes
nunca ninguém deixou de percebê-lo.

Quem sabe ele mesmo pouco importa
mas interessa sua vida
de flor
e de sereia
o seu canto irracional
nossa loucura alimenta
e sua loucura será apenas o momento.

QUIETUDE

Lígia Muniz

anoiteceu . . .

com a noite, eu viajarei buscando estrelas e certezas
reconhecerei a beleza de um luar por perto
e me entregarei à imensidão das sombras

eu estarei só e em silêncio
terei os gestos guardados no escuro
e aguardarei quieta e calma algum vislumbre de chegada

também,

deixarei de lado esta tristeza
pois, só assim estarei aberta ao amor
e poderei continuar tecendo esperanças de infinito

é necessária

esta viagem clara, na amplidão das sombras
esta quietude mansa — canção de ninar —
porque voltarei,
com os olhos retomando líricas possibilidades
e as mãos depositando serenos gestos no seu mundo.

EXTENSÕES

Reinaldo Reis

A grama nos chama,
mas faz-se lama,
e nos espinhos fazemos o ninho,
onde estendemos nossos tísicos corpos,
que carecem tratamento,
pois as feridas continuam abertas.
Mas moramos num deserto,
onde ferve a água
que ao pousar sobre as feridas...
... ainda mais se abrem.
mas não agüentamos pois elas nos coçam...
... e doem.
Precisamos sobre elas colocar alguma coisa.
Nem que seja estrume de abutres,
mas eles se foram, estamos sós.
Então colocamos a água ...
... já parca.
Pois a fonte está secando.
Mas elas se abrem mais e mais.
Então seguramos com mão trêmula...
... o último cigarro que tínhamos.
Este, pedimos a um viajante...
... que passava por ali.

Assustou-o nosso estado físico! . . .
jogou o que lhe havíamos pedido,
e se foi.
Então percebemos que não tínhamos fósforos
para acendê-lo.
E o calor que feria as costas . . .
não tinha condições de fazê-lo.
Foi então que nos deixamos . . .
. . . esperando a morte.
Momento em que acordamos . . .
. . . e nos vimos cidadãos . . .
deste grande mundo vaidoso.
Nossas feridas,
era nossa impotência contra os erros.
A água fervente,
nossa consciência .
Nosso ninho, um palacete,
O deserto.
O viajante,
nosso último amigo.

17 BISSEXTOS INÉDITOS

Renato de Pinho

1

O meu estar aqui é um pretexto
para que Alguém alheio ao eu que houveste
tornasse meus os versos que fizeste.

2

Entre o que penso e creio (pois não penso
no que creio) o símile que existe
seria o de uma ponte que eu partisse
da terra onde me crês para um país
que ninguém viu, eu vejo e me resiste.

3

Ao que tenho me não cinjo:
desejo o que não atinjo.

4

Não estás aonde estás.
Alheio ao Ser
projetas
no futuro a esperança,
enquanto
dos Ventos, a Rosa
te aculeia
e

centrífuga
teu não ubíquo Ser
argamassado
(na cidade imensa)
à dor da
crateúlica presença .

5

Entre a paisagem que vejo
e a paisagem que sonho
eu invento uma terceira .
Descubro-a e fico triste:
é a paisagem que existe .

6

Quem sou eu? Nem mais eu sei:
solicitado por mim,
eu mesmo me ultrapassei .

7

. . . e, alheio ao meu fazer-Me,
me estendo
entre ao que tendo e Sou —
nas águas d'O que vou . . .

8

Não o ouvir: o ouvindo.
Não o ver: o vendo.
Não o ser: o sendo.
E ao chegar o
mais não sendo,
nem vendo,
nem ouvindo,
a certeza final:
o espaço é certo e limitado
e o Tempo é findo .

9

Não mais que o ver-vos me é dado à vida.
No impossível de sermos me ilumina
o sempre amar-vos longe de meu corpo —
alegre ausência que dissolve em bruma
a dor ou triste mágoa de perder-vos. . .

10

Os teus olhos — flor de Acanto,
pelos meus lábios perdida,
redimida por meu canto.

11

Um menestrel emerge de minha alma
ao apertar na minha a tua mão, Marília.
E se na tua a minha transparece,
na alma do menestrel a minha reconhece
imersa em sagrado, Marília, a tua.

12

Senhora:

este ouvir-vos calado
me engrandece
(não da grandeza vã de avós já idos)
e aos que jazem no devir.

13

O corpo é dele. Alma e vida serão minhas.
Não por vanglória o digo, mas por crença
(se me não é defeso o crer-te)
de haver-te dado tudo o que não tinhas.

14

Ela não mora em Pasárgada
E não é filha do Rei.

Mas em terras de distância,
Onde em breve a levarei,
Com amor e ânsia de amor,
Pasárgada construirei.

Num rio de esquecimento —
Só em mim — a envolverei.
E palavras de ternura
(nunca ditas) lhe direi.

E a pobre moça encantada —
Por amor de quem Serei —
Será esposa do Rei.

15

A sombra do não sido me disponho.
Rastros de flores se permitem frutos.
Mitos de primaveras idas se renovam.
E imerso em ti o pressentido gesto
dança
ao me sentir eterno enquanto sonho.

16

... e quando o coração se aquece
à fissão de mínimas lembranças,
entre mim e a paisagem
o ar se embaça:
é o mar português que em rios desce...

17

A dedicatória deste
É como os versos que não fiz.
Eu os quis fazer, Ele os não quis.

A FLOR DA PELE
(UM POEMA aTEMPORAL)

Ronald Claver

? ONDE ESCONDER O AMOR
SE FLORESCE NA PELE

NOS POROS NOS OLHOS
EM CADA CANTO DE NÓS

? COMO NÃO FRUIR O INSTANTE
SE A DOR NOS ESCALA

E A FALA É UM NÓ
NA GARGANTA

ROUCA E ROUCO É O AMOR
QUE SE CALA AMANTE

? ONDE PLANTAR ESSA FLOR
SE O CORPO É PRECÁRIO

E O SEGREDO SE DESNUDA NOS
OLHOS NOS PELOS NO ESPELHO

QUE REVELA O AVESSO DE NÓS?

§

O AMOR SEI QUE É TRAVO
SENHORA, MAS CAVALEIRO
SOU E TE CONSAGRO AMADA
AMANTE DE TEUS OLHOS SIGO
ERRANTE POR ESTES MARES
E POR MARES NUNCA DANTES

NAVEGADOS TEUS OLHOS PARTO
E ME REPARTO EM LUTAS MIL
CONTRA GIGANTES, MOINHOS, VENTOS
MAS ME TORNO LENTO, SENHORA,
QUANDO TEU CORPO SE ESQUIVA
E ME SINTO UM BARCO A DERIVA

AMOR SEI QUE É TRAVO
SENHORA, MAS CAVALEIRO
SOU E TE SAGRO AMANTE
CORTESMENTE ME DETENHO
DIANTE DE TEU CORPO
DE TEU SEMBLANTE E COLHO
DE TUA PELE A FLOR RARA
DESTE AMOR-ERRANTE.

§

O AMOR É A METÁFORA DO ENGANO
DO ENGODO É JOIO E JUGO
FAÇA DE MUITOS FUIROS QUE PERPASSA
NOSSOS CLAROS E ESCUROS

O AMOR É A IMAGEM DA TRAMA
DO DRAMA É REDE E SEDE ÁGUA
DE MUITOS ANOS QUE FLUI
PRECÁRIA EM NOSSOS SUBTERRÂNEOS
O AMOR É FLOR QUE SE COLHE NA PELE
E DÓI NO DENTRO

§

NOS LONGES DESTES CAMPOS
PAN PASSEIA PASTOREANDO O GADO
ENQUANTO NO OLIMPO OS DEUSES
DISCUTEM NOSSO TRISTE FADO

NÃO DESPERTE AINDA MARÍLIA
A LIBERDADE É UMA AMEAÇA
TRAMADA EM PLENA PRAÇA
AS PORTAS ESTÃO FECHADAS, NISE
A LIBERDADE É CHAMA E PÃO
E O ALFERES PROCLAMA A REVOLUÇÃO
DORME, BÁRBARA, STELLA BELA, O AMOR
É SURPRESA QUE REVOLVE A PELE
DESCANSE, GLAURA, NO RETRATO
DE CYTHERA E VAMOS NAVEGAR OS FATOS
E ESTA MINERAL MINAS DE MARES E ALTARES

§

PALIDA FLOR ESTA QUE NOS ENVOLVE
NESTE LEITO DE SONHOS SOMBRIOS
TUA PELE, AMOR, A MORTE ENCOBRE
E AS NOITES QUE VELAMOS SOBRE OS LÍRIOS

ACORDA, AMOR, UM ANJO DESCEU DO CÉU
PARA CINGIR-LHE A FRONTE E RETIRAR-LHE O VÉU
LEVANTA, AMOR, A NOITE ESTÁ FINDANDO É HORA
DE CAMINHARMOS JUNTOS E ACORDAR A AURORA

§

NÃO A FORMA EXATA, FEITA
DE CONTORNOS DE MARMORE, PERFEITA
NEM O ALTO-RELEVO, A PEDRA RARA
OU O FLOR TALHADA EM CARRARA

NÃO O OLHAR ESTÁTICO NA MOLDURA
DISTANTE, USANDO O PINCEL DA USURA
NEM A PERÍCIA, OU O OURO DA RIMA
NEM A PACIÊNCIA BENEDITINA E A OFICINA

OU MESMO INVEJAR DO OURIVES A FORMA
A FORMA E O PRIMADO DO ESTILO
OU TRABALHAR PELA BOA NORMA

MAS DEIXAR-SE E IR DEIXANDO DE LEVE
O AMOR QUE CRESCE VIOLENTO OU TRANQUÍLO
COMO RELVA QUE BROTA A FLOR DA PELE

§

QUANDO O AMOR CRESCE E RECRESCE A FLOR DA PELE TUA
IMAGEM TORNA-SE NEBULOSA E FUGIDIA, OSCILANDO ENTRÉ
A BRUMA E A MELODIA. SEU NOME É LUZ, LIMO, LUME, É
SINAL, SOM RESSOANDO, SUSSURRANDO NOS OUVIDOS A
MÚSICA; A MÍSTICA MÚSICA DE TEU CORPO QUE É UM BARCO
A VAGAR, A VAGAR SEM RUMO NO MAR

§

GUARDE NO TEMPO ESSA AURORA
QUE FLORESCE EM TUA PELE

VERDES ÁGUAS CIRCULAM EM TEUS OLHOS
REMOVENDO VELHOS MOINHOS TESOUROS
SUBMERSOS E ESSA CANÇÃO ASSIM MAR

ACORDE NA TUA SOLIDÃO O GESTO AMOROSO
QUE RENASCE A CADA INSTANTE E DESCUBRA
QUE A ESPERANÇA É UM SEGREDO QUE SE REVELA
NO ENCONTRO

§

NOTURNAMENTE SÔU TEU CORPO
TUA BOCA

QUANDO VISITO TEU PORTO
E FLORESÇO EM TUA PELE

SOU BANDEIRANTE QUANDO TE
DESCUBRO

MÁGICO QUANDO TE INVENTO
PÁSSARO QUANDO TE MERGULHO

NOTURNAMENTE SOU TEUS BRAÇOS
TUAS MÃOS

QUANDO ABARCO TEUS SILÊNCIOS
CIOS

E NAVEGO A SOLIDÃO

08 §

A FLOR É VISUAL
O AMOR DIGITAL

A PELE É FÍSICA
A FLOR MÍTICA

O AMOR É FORMA
A PELE TRANSFORMA

O CORPO É TEXTUAL
O AMOR TEMPORAL

A PELE É ICÔNICA
A FLOR FÔNICA

O CORPO É REFORMA
O AMOR CONFORMA

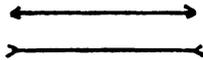
A FLOR ABISSAL
O AMOR FINAL

A PELE É LACÔNICA
A FLOR TÔNICA

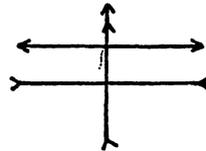
A PELE É NORMA
A FLOR DISFORMA

§

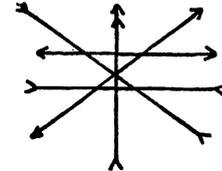
A PELE



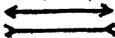
A FLOR



O AMOR



legenda:

a pele 

a flor 

NOSSO TEMPO

P. Pontes

Não:

Tu não és do meu tempo
Ou és de agora ou de outrora
— nunca de 50: és de 70 ou de 40.

Dagora:

Do Estádio ou do Xodó
Dos botequins do Maletta, das noites do PIC
Não do Chantecler, do Albergue Mariana,
Do Cine Glória.

Olha,

Meu tempo é aquele
Do Montanhês a um cruzeiro
Do PF do Adão, do Angu do Jesuíno
Não dos módulos, não do stress

Meu tempo é
Da avenida de árvores e das árvores da Avenida
Dos velhos bondes e, principalmente, do Bar do Coelho
Ali, na zona litigiosa da Praça da Lagoinha

— deusa da cachaça, deusa da arruaça
Do prato realizado nas madrugadas do Coelho

(que Deus o tenha em seu fogão de lenha)

CONTOS

CHORO CONVULSO *

Hugo de Almeida Souza

PARA EDWIGES

«Eu poderia falar as línguas dos homens, e até a dos anjos, mas se não tivesse amor, as minhas palavras seriam como o barulho do gongo ou o som do sino. Poderia ter o dom de anunciar mensagens de Deus, ter todo o conhecimento, entender todos os segredos, e ter toda a fé necessária para tirar as montanhas dos seus lugares; mas se não tivesse amor, eu não seria nada. Poderia dar tudo o que tenho, e até entregar o meu corpo para ser queimado; mas se eu não tivesse amor, isso não me adiantaria nada».

(I Coríntios, 13, 1-3)

As palavras que ouço não compreendo com clareza, mas chegam-me como lamentos de um casal sofrendo em seu leito algum dia de prazeres, alegrias, sonhos e ilusões, sofrimento do qual — estou certo — também sou culpado, escuto sussurros, não para que eu não ouça, mas porque na cama sempre se fala baixo, e na madrugada quente as palavras soam rápidas, às vezes devagar, leves ou com peso que, durante o dia, com os naturais ruídos diurnos, não podemos medir, e esses lamentos de um casal em aflição vêm do quarto vizinho, vêm do leito de meus pais que desconhecem também o meu martírio, a minha luta — sinto e sei

* Conto-título do nono livro do autor de *Globo da Morte*, Edição «Alternativa», Belo Horizonte, 1975.

que a dor não é física, como também a minha, mas algo bem mais forte, interior, inexplicável, que percebo do duelo de pedaços de frases talvez chorosas, e eu os escuto, agora, nessa noite de insônia solitária e sem qualquer apetite: leitura, mulher, poesia, sair andando nessa noite que não me lembro se tem estrelas, acordar meu irmão e conversar longamente com ele sobre os segredos que há pouco comecei a descobrir — não tenho qualquer apetite, quero mesmo é pensar que não ouço nada, que meus pais estão felizes, dormindo, que os seus numerosos filhos são, hoje, apenas razões para alegrias, que a casa cheia esbanja também felicidades, fartura de tudo e compreensão, contudo o que sinto é um vagaroso espedaçar interno do meu corpo, assim como se ele estivesse sendo triturado por dentro sem, no entanto, ferir a pele que o reveste, o que não me permitiria levantar, sinto a imobilidade de um corpo sem forças, sem músculos e ossos e, na multiplicação ou divisão de minhas vísceras, o meu coração ocupa todo o meu peito, porém de uma forma diferente quando há poucos anos, mesmo antes de ler Maiakovski, ele batia no meu peito inteiro, enorme, com força, de alegria, de felicidade, amor, sonhos?, como os dos meus pais?, sei agora que não, que os corpos sadios estão geralmente vivendo feito marionete em falsas mãos poderosas, na construção de outros templos, e nesta cama não tão estreita, que comportaria outra criatura além de mim, o que sinto é apenas isto: vontade de chorar — como se fosse a solução para a humanidade inteira —, não esse choro tímido que umideceu os meus olhos e molhou um dos travesseiros, queria mesmo era chorar, chorar alto, convulsivamente, para que me desafogasse a garganta e para que todos (inclusive as estrelas e principalmente eu) ouvissem, sentissem que as coisas não vão bem, está tudo **frau**, tudo **frau** mesmo, como dizia repetidas vezes ontem no ônibus uma adolescente excepcional, na lucidez sincera e espontânea de seu espírito, e naquele momento vi a chaga vermelha na mão esquerda do operário cansado e mal vestido, quando ele segurou com força, num reflexo de seus vinte e poucos anos, a barra horizontal para não cair na parada brusca do coletivo lotado, não é apenas a dor dos meus pais, que agora devem estar chorando juntos, na mesma cama em que, numa noite de alegrias, me conce-

beram e, em outras, a meus irmãos, não é somente o suplício deles, o tormento dos meus irmãos que estão dormindo, da minha família dividida e distante, não, não é essa, companheiro, a dor que sinto agora, penso até — com novas lágrimas a molhar as franhas limpas — que a minha dor é superior à deles todos, dos meus pais, da minha família, o meu martírio é mais amplo e cotidiano, infinito talvez: sofro por todas as criaturas — um dia alguém me disse isso, antes mesmo de eu próprio saber —, e do que posso distinguir do dialogar sussurrante e triste dos meus pais, os problemas que os fazem chorar e não dormir estão restritos aos de uma comunidade de algumas pessoas, de poucas pessoas — deles e de nós, seus filhos e netos —, quando, diariamente, vejo, penso e vivo também na fonte as dificuldades de uma população que não tem, por exemplo, a nossa casa com uma cama para, de noite, chorar, de uma população que não tem sequer um travesseiro onde enxugar as lágrimas, como deve ser o caso de um jovem lixeiro — um salário mínimo, mais vinte por cento de insalubridade —, que também vi ontem, ao descer do ônibus cheio, apanhando na cabine do caminhão dois pães de queijo certamente velhos — era meio-dia —, guardar um no bolso rasgado do macacão enegrecido, e com as mãos sujas segurar firme o outro e morder com apetite, isso após pegar, na casa lotérica, os volantes da semana, sim, companheiro, a minha dor é enorme, ela não fica somente aí, vai além, muito além disso daqui, de tudo isso, vai longe e o meu desejo é aquela eterna vontade — que já virou verso, ou lugar comum — de partir. Depois voltar, inteiro, para a luta.

ESPIA, MÃE, VOCÊ JÁ REPAROU QUE AQUI NÃO TEM URUBU?

Welber S. Braga

Para o Ronald e a Dalva, que devem
estar olhando o mesmo azul.
Pensando.

«O almoço está na mesa.»

(O almoço está OUTRA VEZ na mesa.)

«Está muito boa, a couve.»

«A verdura daqui é sempre fresca. Antigamente, a gente só encontrava porcaria. Vê se eles deixam ficar velha, agora, de um dia pro outro!»

«É... Está melhorando, mesmo. A fruta daqui também é muito gostosa».

«A que horas você vem pro lanche?»

(A que horas você vem DE NOVO para o lanche? A que horas, novamente?)

«Olha como o céu está limpo. É impressionante como ar é limpo, aqui.»

«Eu nunca vi um lugar com o ar tão limpo. Quando você nasceu, era sempre assim.»

«Eu tinha até esquecido...»

«Eu acho lindo um dia claro desse jeito, com o ar tão limpo.»

«Eu ainda não me acostumei.»

«A que horas você vem pro lanche?»

(A que horas você vem andando pelo ar tão limpo que chega a doer, debaixo do céu sem mancha, a que horas você vem andando sobre os tons que mudam contra a barra reta do horizonte, a que horas você vem dentro do entardecer sem ondulações, tomando forma de tão perto, soltando o seu corpo dos restos de colorido antes da noite na planura, cruzando os primeiros halos de iluminação na rua, para comer sua verdura fresca, mastigar suas frutas tão gostosas que tem por aqui, agora? A que horas você vem perdido pelo ar tão limpo se engrossando de escuridão, boiando no meio do dourado e dos borrões dispersos do arvoredo, com as bordas de seu contorno dissolvidas sobre o ocaso e com o roxo da noite se agarrando no fundo das rugas de seu rosto, a que horas você vem para engolir o verde lavado dessas folhas, e a papa amarela das bananas, e o seu almoço do dia seguinte, antes do lanche, que está posto já para amanhã na mesa? E o outro lanche? A que horas, QUANDO, você vem?)

«Olha a pombinha na janela!»

«Elas estão vindo comer a canjiquinha?»

«Estão, todo dia. E estão bebendo a água toda. Não tem nem sombra da comida que eu pus de manhã, você quer ver? Elas estão se acostumando a vir comer aqui.»

«É, elas estão se acostumando...»

(Elas já estão se acostumando, em toda manhã. Toda manhã bem fresca, com o sol de raspão pegando os topos e as pombas voando de um prédio até outro. Esparramando a luz com os côncavos das asas. As pombas acostumadas com toda manhã. TODA MANHÃ. Depois, o dia derretido em brasa se apagando no vidro violeta de mais uma noite, a transparência de mais uma noite. E o lanche. E a ponte do sono. E o sol pegando de raspão os topos claros,

brilhando de orvalho. E as pombas voando de um prédio até outro. Acostumadas com toda manhã. E as frutas, e o ar, e o lanche limpos. EM TODA MANHÃ.)

«Bom, já vou indo.»

«Você está indo cedo, hoje.»

«Acho que estou pegando o jeito, já.»

«A gente está se acostumando... Você vem tarde?»

«Não sei. Acho que não. Vou ver se chego cedo, para o lanche.»

«Olha como é que o céu está limpo.»

«Aquela couve estava muito boa.»

«É impressionante como o céu aqui é limpo...»

(O céu coado e limpo, deixado parado para repousar. Ele foi caminhando devagar para o meio da sala e, de repente, ele ficou imóvel lá, espiando longamente a linha lisa da chapada, no horizonte, e os traços brancos dos blocos de prédios, e o verde da grama rala se agarrando pelo chão, e os troncos sujos de vermelho, e o azul se encurvando. Ele espiou o fundo do azul que iria se esquentando sem uma mancha, até queimar. Só mudaria a cor, no fim da tarde. Na hora em que viesse para o lanche, surgindo das beiras do resto de claridade antes da noite na planura, atravessando os côncavos de sombra e se encharcando nas sobras de luz na boca da ponte do sono. A ponte até a outra manhã. E o sol pegando de raspão os topos claros, queimando o orvalho. E as pombas voando, e o lanche, e o céu, e o ar tão limpos. De toda manhã no fim da ponte antes de outra manhã.)

«É engraçado, mãe... Você já reparou uma coisa? Só agora é que eu notei o que era...»

«Reparou o quê?»

«Espia só... Eu estava sentindo que estava esquisito, não era a mesma coisa quando eu era criança, igual você falou. Você não está sentindo falta de uma coisa? Espia só...»

«Falta?... Falta de que?»

«Espia, mãe, você já reparou que aqui não tem urubu? Eu nunca vi, em lugar nenhum aqui, um urubu...»

«Um urubu...»

«É, um urubu. Por que será que aqui não tem urubu?»

«Não sei... Mas, pra que é que você quer urubu?»

«Espia, mãe. Será que nunca mais vai ter urubu? Será que NUNCA mais?»

(Um dia, de tarde, quando era menino. O céu ficando preto para uma tempestade e lá no alto, em cima do terreiro, os urubus fazendo um rodaminho. Ele viu os urubus lançados nas curvas cortadas contra o vento, antes do rumo, e escutou os estalos balofos das primeiras gotas d'água batendo no zinco. Então, correu no meio da poeira, catando os toquinhos de armar e as suas outras coisas. Um cisco o mordeu no olho, e ele curvou-se sobre o cheiro de terra molhada, sem enxergar direito por causa das lágrimas. A roupa torcida na bacia, na beira do tanque, estava ficando cheia de gravetos e de picumã, caída da cobertura. Ele esfregou o olho com a mão suja e sentiu a aspereza do cimento fincando o seu pé, no passeinho do lado da casa. A chuva levou a barragem que ainda estava construindo. Pela vidraça da janela da cozinha, ele ficou vendo o caminhãozinho na água rasa que corria pelo chão, toda eriçada de respingos. A tinta trincada da esquadria, perto de seu rosto, estava embaçada de umidade, e ele viu a marca de gordura que fizera com o nariz, no vidro. O barro escuro dos canteiros, do lado da cerca, descia das frestas dos tijolos postos para segurar a terra e ia se espichando em estrias na enxurrada clara. Com a porta fechada e a chaminé puxando bem com o vento, o fogo de lenha foi crescendo e fazendo um clarão num canto. Estava friagem. Ele buscou sua blusa azul para tomar café com broa. Pelas malhas da blusa, o seu braço sentiu que o pau lavado do tampo da mesa ainda não tinha secado, e ele ficou espiando as serpentinas, no meio do fogo. Os urubus retornariam para se esticar ao sol, na beira do telhado, e uma outra chuva os levaria, em rodopio. Então, viria o Natal, e o fim do ano.)

Ele e a mãe ficaram parados, muito tempo, no meio da sala. Parados no meio da sala, depois do almoço. Antes do lanche.

Brasília, junho, 1975.

INTERLÚDIO DA MULHER MORTA

Ana Maria de Almeida

«Em silêncio,
o rio carrega sua fecundidade pobre,
grávido de terra negra»

João Cabral de Melo Neto

Que ponto de contacto existe entre mim e a mulher boiando, que eu vi, eu vi — no rio? Que ponto, estranho ou não, existe de união entre meu destino feito de pedras e flores secas ordenadas e o dela, destino, desfeito sobre pedras?

Algo negro que se alonga de sua pele há séculos e se expande para a brancura de meu corpo exposto ao sol. Algo escuro que eu não previ e que me prende, sem janelas, no meu próprio enlaço. As pacientes tramas de meu encontro comigo mesma: milhares de anos mais velha, eu, que eu mesma, retrato do meu próprio fóssil, da esfinge que se finge viva, e morta, no fundo do espelho.

Que eu não previ... A manhã era simplesmente domingo naqueles tempos. Sem expectativa, o sol brilhava devagar nos desvãos das nuvens ligeiras. O primeiro que descobriu o corpo teria visto de relance um braço, um trecho de pernas nuas, a trouxa de umas roupas, um pedaço de rosto nas nesgas dos cabelos molhados. «— Eh, gente, que lá morreu uma...» E a multidão ajuntando-se no ponto para onde eu vinha, fluindo também...

Eu, de há séculos, esperando o cadáver que boiava solene nas águas sujas? Remotamente: condenada a uma expectativa sinistra de apenas um corpo boiando, que engravidou de morte o meu domingo.

Que eu vi! Do alto da ponte, mais do alto de mim mesma, como de uma janela aberta — não de dentro, mas de fora — para o espetáculo de um corpo lento, deslizando calmo e sem pressa, alheio a todo plano ou negócio. . . A mulher morta explodiu no meu domingo. Gritos saudaram sua passagem, um galho serviu para içá-la, provisória e definitiva, plantada na margem que o soldado guardava. Guardando e aguardando, o soldado e a mulher morta. Somente assim: sem como nem quando. Que se escute o rosto do silêncio: se morte e vida correm do mesmo corpo, como rio, sem fim. Inguardáveis e inaguardáveis, fluxos da mesma maré. Rosto-esfinge, de silenciado enigma.

(Hoje, escuta, procurei a notícia de tua morte nos jornais, algo no teu registro que me desse a razão de tua presença compacta. Um retrato, um riso no parque, uma conversa de esquina. . . qualquer coisa: um gesto, um nome. Me espantei: os jornais mentem em datas, falsificam números. . . Por cima de meu ombro, tu me olhas do espelho.)

A mulher morta que arrastaram para um monte de pedras guardado por um soldado impassível ante o domingo cheio de curiosos. Indiferentes, os dois, no centro do palco, no meio da música, esperavam sem nenhuma pressa. Ela estava lá: apenas e tanto. Entre o duvidoso amarelo de minha miopia e o azul da minha náusea, a pele das pernas brotava do vestido desbotado. Os braços, parados no movimento que lhes deram, seguravam nada e tudo.

(Estavas inchada na tua gravidez de águas, e eu sabia tudo de repente: fomes, torturas, tumultos na cortina frágil e fácil dos risos. Eu sabia tudo de repente: do teu ventre enorme e podre é que rebrotam, necessários, mendigos sem nome às nossas portas, crianças sem mãos e infância, incendiários, bombas, misé-rias desconhecidas, amor irmão de solidão. . .)

Ela estava lá: minha irmã, que veio boiando através de uma noite infinita, o sólido cadáver na ondulação que olhos suaves viram e não viram que ela vinha e sob pelas águas, piedosa — um corpo. (Imensa, como um mundo dentro de si mesmo, a me-

mória de teu corpo vigoroso espadanando águas, teu corpo-peixe, teu corpo-ágil...) São tudo horas de outras horas. Meu olhar e ela: apenas coisas que apodrecem.

A minha irmã que veio num ritmo lento e desgostoso para o cansaço de meu olhar olhando o medo no escuro velado de suas pálpebras descidas.

(Escuta, para o meu medo o teu segredo de como meus passos e planos são como um rio de repente mais que águas sob pontes e casas perto. De como a tua vinda revelou o que tu e eu fazemos fluir enganosamente no escuro dos juncos e dos limos).

Espetáculo perdido! Que infinidade de relações o corpo da mulher morta não veio tecendo pelos frios caminhos, dias e noites! «— Me aperta mais, que me veio um calafrio!» As vozes todas, alegres, das casinholas, as luzes de olhos abertos, não vendo e não ouvindo por sobre apenas aquele corpo que o rio portava, o mais imponderável peixe. As palavras que ecoaram dispensando respostas pelo teto de nuvens e trevas da cabeça apontando entre ondulações de espumas. Alguém, da margem, atirou-lhe restos de comida, lixos, que tocaram sua boca estourando já, em seus limites de pele e ossos. Seus cabelos líricos, já sem pressa, estendidos — como antes ao vento nas águas que o rio lava e leva...

As mãos abertas tocaram as margens, apenas por graça leve, e, desistidas de apoio e aceno, lá se foram.

A mulher morta no meu olhar cansado, de quem descobriu que não há mais domingos nem sétimos dias. A mulher morta espantava os domingos, por isso a multidão (reunida pelo milagre de tua morte) ansiava, sem saber, que se ultimasse o próximo ato, que uma cortina piedosa separasse a morte passando da vida se indo e ida. (Por isso se riam tanto, esticavam os pescoços e apontavam com o dedo em riste a dobra de tua perna e o sapato que continuou boiando para um esgoto qualquer, ou para o mar, não sei...)

A mulher morta espantava o domingo, apesar de tanto sol. «— Será que a polícia não vem nunca? Não levam mais ela?» Na agitação devoravam com os olhos a mesma cena do corpo imóvel e o soldado firme — o mesmo quadro imoto e aborrecida-

mente imutável. (Tu é que os contemplasses lá debaixo, palco invertido? Quem sabe para teu divertimento te olhássemos, oferecida como mercadoria rara.)

Ao meu lado, um homem ergueu para o alto do gradil, um menino aflito que não avistava o monte de pedras, no meio daquela multidão de pernas. (O menino fascinado e quedo no desvã da tua imobilidade, com vontade, de repente, de voltar para casa. Tu bem que viste, eu entendi. Me ofereceram pipocas, insinuan-tes, balas com insistência — no ritual de tua presença. Tu bem que viste. . .) E as buzinas abriam passagens festivamente, depois que foram satisfeitas todas as curiosidades públicas e todas as humanas consternações.

(E lá ias, irmã, para sempre libertada de tudo que te fizera ramo ou pedra, flor ou máquina, insolitamente, até que te crucificaram no monte de pedras, dobrada sobre ti mesma. . . E eu te recriarei, eu disse — no sétimo dia! Pela marca dos sempre nascendo e vivendo por sobre um rio sujo, que deixaste em minha pele. A mulher morta no meio dos risos da multidão, enfeitada de limo, pintada de lama. E por que não te matar também em todas as mulheres?)

E lá ia, o corpo. Não mais máquina-flor, pedra-dor, não mais nem menos — ele restrito, para sempre. Um corpo vindo de sujos detritos, cuspes, vermes, a multidão de podres que a vida expele — e que não se limpa nunca. Ela, a expelida, como raiz solta se indo mais e mais, desprendida de tudo.

Desprendida de tudo: algo negro que se alonga de tua pele há séculos para a brancura de meu corpo exposto ao sol, sem janelas.

BANDA VENENO

(baseado no conto «A Cartomante», de Machado de Assis)

Duílio Gomes

Vilela deixou a cabeça pender no braço do sofá. O som quadrifônico estava ligado e a sala escura. **Banda Veneno**. O som, muito alto. Os vizinhos não podiam reclamar: a sala era à prova de som, uma preocupação que Vilela havia tomado exatamente para que eles não se queixassem. Rita, sua mulher, havia saído com uma amiga. Camilo, um amigo de infância, prometera chegar à oito e meia para uma partida de buraco mas até aquele momento não chegara. Camilo era o seu amigão. Havia estudado juntos, desde o Grupo até a Faculdade de Engenharia. Camilo pra ele era como um irmão, ele, que não tinha irmãos. Isso significava muito; carne e unha. Camilo também era filho único, talvez por isso fossem tão amigos, eram garotos solitários e precisavam da companhia um do outro. Camilo está precisando casar, pensou Vilela, esticando o braço para aumentar o som. Assim sairiam em grupos, seria mais divertido. Ficava preocupado com o fato de Camilo ainda permanecer solteiro. Já lhe apresentara muitas de suas amigas, passava-lhe as transas todas. E Camilo? Namorava uma, outra, beliscava aqui e ali mas acabava sempre sozinho. Sou um cara cretino e solitário, pra lá de difícil, um dia Camilo lhe confessara. Mas quando me casar, meu chapinha, vai ser pra valer. Por enquanto vou aproveitando, o mundo está assim de mulheres e eu ainda não papei nem um décimo do material que existe no meu próprio bairro. Vilela achava graça. Você não tem jeito mesmo, garanhão proletário. Camilo ficara muito amigo de Rita, mulher

de Vilela, acompanhava o casal para todos os lados. Rita também gostava muito dele e Vilela achava isso perfeito, não poderia suportar a idéia de sua mulher não ir com a cara do seu melhor amigo, ou vice-versa. Camilo agora precisava casar ou arrumar uma namorada. Formariam casais e se divertiriam melhor quando saíssem juntos. Ultimamente Camilo sempre saía com eles desacompanhado. Na boate era obrigado a dançar com Rita. **My best friend is a complete idiot**, pensou Vilela. E era bem possível que não aparecesse aquela noite para a partidinha de buraco. Rita também estava demorando. Vilela sentiu os olhos pesados. Na noite da sua sala sonora, estrelada de pontos vermelhos e verdes incrustados ao longo da parafernália eletrônica, surgiu o silêncio sobre o sono e, sobre eles, a agulha de diamante dando meia-volta e se encaixando no pino de descanso.

Camilo sentiu-se relaxado. Ainda deu um beijo em Rita e deixou-se ficar ao lado dela, na cama. Obrigado, querida. Sempre agradecia, depois. Rita acendeu um cigarro. Também estava relaxada, com os cabelos louros desalinhados sobre o travesseiro. Camilo encheu o copo de uísque e começou a beber devagar, com a mão esquerda sob a cabeça. Um dia compro um apartamento de cobertura e vamos nos encontrar lá todos os dias, falou Camilo. Ora, motel é tão romântico, querido, comentou Rita. Beijou o peito de Camilo. O único problema, continuou, é um dia a gente se encontrar com o Vilela no corredor.

Camilo começou a rir, engasgando-se com a bebida. Vilela em um motel... repetiu, rindo de soluçar. Eu dava tudo pra ver o fidelíssimo Vilela, depois de casado, com uma zinha no motel. Rita também começou a rir. Não menospreze o meu marido, falou, fingindo raiva. Depois ajuntou, jogando fumaça no rosto de Camilo — ele é uma fera à noite, me estraçalha de beijos e complicadas posições indianas, um super-coisa untado de sensualidade, é bem possível que ele leve suas amigas aos motéis. Afinal, também tem direito a uma infidelidadezinha de vez em quando. Camilo parou de rir — não me provoque ciúmes, eu sei que ele ronca tão logo você se deita junto dele. Ainda mato aquele cara.

Sabe, falou Rita, apagando o cigarro no cinzeiro e bebendo um pouco de uísque no copo de Camilo, outro dia fui a uma carto-

mante que uma amiga me recomendou. Foi num dia que você deixou de ir lá em casa. Fiquei preocupada, telefonei pra sua casa e a empregada disse que você havia saído há mais de três horas. Imaginei mil coisas. Pensei que você tinha arrumado outra e me abandonado. Ora que idéia, falou Camilo. Então, continuou Rita, eu fui correndo a essa tal cartomante. A casa dela é na Avenida Brasil, ela é meio cara, mas valeu a pena. Me disse tudo a respeito de nós. Colocou as cartas na mesa, leu, leu, leu, olhou pra mim com dois olhos de bola de cristal e disse: «tens um rapaz enamorado e um rapaz corneado. O primeiro te ama como um cachorrinho e o segundo nem por sombra imagina o que se passa entre vocês». Paguei uma nota e saí satisfeita, muito leve. No dia seguinte você apareceu, foi naquela noite em que você apertou a minha mão por trás do amplificador do Vilela, se lembra? Camilo tornou a encher o copo de uísque. Qual dos amplificadores do Vilela?, disse, sorrindo. Seu marido tem um monte deles, de altíssima fidelidade, como ele. No duro, meu bem, nunca vi tanta aparelhagem sonora em um só lugar como na sua casa. Vilela desde menino gostava muito de som mas eu não sabia que ia saltar tão neuroticamente do radinho de pilha aos dois milhões de volts. É o marido tensão elétrica da cidade.

Vilela acordou com luzes no rosto e a voz de Elis Regina. Rita estava sentada perto dele, no sofá, e tinha um copo de uísque na mão. Olha quem achei na rua, querido. Apontou para Camilo, sentado na poltrona ao lado. Olá, belo adormecido, saudou Camilo, levantando o copo de uísque. Vilela espreguiçou. Quantas horas, perguntou para a mulher. Onze da noite, querido, cedíssimo. Vilela tornou a espreguiçar. Vamos sair pra uma partidinha de buraco?, propôs. Claro, concordou Camilo. Rita levantou-se e dirigiu-se ao barzinho. Vou preparar um uisquinho pra você, meu amor.

As vezes Rita e Camilo se encontravam no apartamento dele. Mas era perigoso. Tinham de esperar a empregada sair e não podiam atender o telefone. Rita enfrentava a aventura com muita disposição. Por ela, fariam amor na frente de Vilela. Camilo, porém, morria de medo. Era mais que cautela o que armava em sua volta, era o próprio cinto do terror. Sentia uma mistura de pavor indefinido com um sentimento bem claro de traição ao amigo.

Mas tudo isso passava quando estava sozinho com Rita. Ademais, não se sentia tão amigo de Vilela como esse imaginava. Antes de traí-lo no amor já o traía na amizade, sem que ele percebesse. Vilela nascera rico. Ele era o pobretão da dupla. Sentia despeito, rancor e se humilhava demonstrando alegria quando ia brincar na casa do amigo e se perdia no meio de todos aqueles brinquedos caros que ele não tinha nem teria. As vezes Vilela lhe dáva roupas de presente, ele sabia que o amigo fazia isso porque ele não tinha dinheiro para comprá-las. Usava as roupas com um nó duro na garganta. Era a sombra do amigo. Até a adolescência, quando começou a trabalhar, viveu praticamente às custas do outro. E o odiava por isso, por se sentir sua cauda e sua sola. Vilela jamais suspeitara de seu sorriso falso e de seu abraço frio. Somente agora, já adulto, é que trocara o despeito por indiferença e conseguira acumular dinheiro. Trabalhava em uma próspera firma de engenharia. Mas fora o Vilela (sempre o Vilela) quem lhe conseguira o emprego. No fundo sentia uma espécie de gratidão por ele. Apenas isso. E de certa forma se sentia recompensado, diabolicamente recompensado, por ter conquistado a sua mulher. Que agora o beijava sofregamente, na cama do motel.

A cartomante tinha razão. Vilela não suspeitava de nada. Era um ingênuo imaculado, devia ter nascido anjo. Enquanto ele se distraía infantilmente com seus hobbies sonoros — gravar, ouvir discos, montar fitas (tinha um rolo de adesivos transparentes para isso, e o fazia com um talento especial) — Camilo e Rita se encontravam com freqüência cada vez maior. Haviam perdido totalmente as cautelas anteriores. Ela, principalmente. Telefonava-lhe em código na frente de Vilela. Beijaram-se, um dia, na cozinha da casa enquanto o marido montava fitas na sala. Qualquer dia se amariam no quarto, com a porta aberta, ouvindo a **Banda Veneno** dele. Ultimamente Vilela só ouvia sua coleção de LPs **Banda Veneno**. Ouvia altíssimo. Curtia, sem saber, a solidão e o inferno de ser traído, prestava-se como uma cobaia feliz às experiências do susto e à progressiva confiança que os triângulos amorosos provocam. Destilavam veneno à sua volta enquanto ele ouvia pacificamente a **Banda Veneno**. Não se daria conta, jamais, dos simulacros, dos truques, das pequenas armadilhas em que estava

enredado. Definitivamente, um puro sem remédio, nenhuma pantomima lhe causaria suspeita, nenhuma lama o conspurcaria tampouco.

Quando Camilo demorava a chegar Rita dizia a Vilela: vou telefonar pro Camilo, ele está demorando tanto. E telefonava na frente do marido. Camilo?, estamos esperando você para o buraco. Com o tempo, possuía segurança bastante para sequer dar satisfação a Vilela. Pegava simplesmente o telefone e discava. Alô, Camilo?, estamos esperando você, meu anjo. Ou então, com duplo sentido: Camilo, o buraco te espera. Vilela ouvia **Banda Veneno**, bebia vinho e incentivava a mulher a chamar o amigo. Dizia mesmo — hoje você ainda não telefonou para o Camilo, está na hora do nosso joguinho; liga pra casa dele, querida.

Foi num sábado. Camilo se preparava para sair quando o telefone tocou. Rita, pensou. Do outro lado da linha, uma voz de homem, desconhecida. Ouviu, com um frio incômodo na nuca: não tem vergonha de trair o seu melhor amigo? Você não merece o ar que respira, canalha. Camilo ouviu com o rosto duro, sem piscar. Quem lhe telefonara, com uma voz pausada e distante, só dissera aquelas duas frases e depois desligara. Com a mão direita trêmula Camilo ainda permaneceu com o fone no ouvido, escutando o sinal do outro fone desligado. Só então disse alô, alô?, quem fala? Descobriram, exclamou atônito. Puxa vida, descobriram! Deixou-se cair na poltrona. Vilela? Não, a voz não era dele. Um amigo de Vilela? Também não, conhecia todos eles. A voz do homem lhe era estranha, uma voz de lâmina e pedra, profunda, sincopada, uma voz de quem falava a centenas de quilômetros. Imaginou Vilela com um lenço no bocal do aparelho. Não, não, a voz gutural de Vilela, abafada, soaria como a voz de um ganso. Meu Deus, descobriram.

Camilo ligou o Corcel e dirigiu-se para a casa de Vilela. No meio do caminho, porém, resolveu não ir. Tinha certeza de que não agiria com naturalidade na frente do amigo. Ainda estava interiormente trêmulo. Foi para o clube, pediu uísque. Bebeu até de madrugada. Quando voltou para casa havia um bilhete da sua empregada, sobre a mesa do telefone — Dona Rita telefonou duas vezes. Dr. Vilela também telefonou uma vez.

No dia seguinte, com um pouco de ressaca, Camilo resolveu enfrentar Vilela. O amigo montava umas fitas na varanda. Êi sumido, cumprimentou, pegue um uísque pra você. Rita está no banho. Tudo bem?, perguntou Camilo, sem muita segurança. Tudo legal, respondeu Vilela. Estou montando umas fitinhas. Ligue o som. Na cozinha tem uns canapés deliciosos. Fique também para o almoço, temos pato recheado. Camilo ligou o som, encheu um copo de uísque e afundou-se na poltrona. Quando Rita apareceu, embrulhada em um roupão vermelho, pegou o seu braço e levou-a até a cozinha. Onde você andou ontem?, perguntou Rita, quase gritando. Fala baixo, disse Camilo. Fechou a porta atrás de si. Não falo baixo não, grito pra todo mundo ouvir, saiu com uma piranha, não foi isso?, não foi?! Camilo colocou a mão na boca de Rita. Ela ofegava. Então Camilo falou, o mais tranqüilo que conseguiu: descobriram nossa transa. Me telefonaram ontem, alguém já sabe de tudo. Rita ouviu arregalando os olhos. Perguntou, por entre os dedos de Camilo — Vilela? Camilo tirou a mão da boca de Rita, entreabriu a porta da cozinha e olhou para a varanda. Vilela continuava lá, de costas, montando suas fitas. Tornando a fechar a porta: não foi o Vilela, não era voz dele. Não posso imaginar quem tenha sido. Mas isso não tem importância. O caso é que já sabem e amanhã o Vilela também pode estar sabendo. Não posso também imaginar qual seria a reação dele. Gente tranqüilona é pior, de repente vira fera. Vai nos picar no punhal. Não seja ridículo, falou Rita, recompondo-se. Aquele cara não mata nem barata. Descobriram, e daí? Melhor pra nós, fugimos, vamos pra Rodésia. O que eu quero saber agora é aonde você foi ontem. Telefonei umas cinco vezes pra sua casa, quem é a nova mulher na sua vida? Heim?, heim? Fui tomar um porre no clube, respondeu Camilo, entreabrindo novamente a porta e olhando para a varanda. Não grita que o Vilela pode ouvir. Que ouça, gritou Rita. Camilo colocou a mão na testa.

Continuaram se encontrando nos motéis mas Camilo agora vivia em sobressalto. Principalmente porque recebera mais três telefonemas anônimos. Estranhamente, as vozes nunca coincidiam na entonação. Mas todas elas tinham uma coisa em comum —

eram tenebrosas e só diziam duas frases. Na terceira vez Camilo gritou **se identifique, pelo amor de Deus**, e ouviu a segunda frase: a honra se paga com sangue, malandro.

Vilela continuava o mesmo homem sereno, tratando Camilo como sempre e ouvindo **Banda Veneno** em sua sala entulhada de receivers, amplificadores, rádios FM, tape-decks e gravadores de rolo.

No dia 15 de Novembro, feriado, Rita telefonou para Camilo. Meu bem, vem pro seu buraquinho. Camilo desceu, pegou o Corcel na garagem e foi para o buraquinho. Havia tomado uma chuveirada morna, sentia-se bem disposto, chegou a assoviar a música que ouvia no rádio do carro. Já não se sentia intimidado pela voz anônima do telefone. Afinal, que mal lhe podiam fazer? Vilela não era. Só podia ser gente despeitada querendo papar a Rita. Era sempre assim, preferiam deixar o marido sem saber, desde que usufríssem da situação. Um jogo de insinuações, uma rede de maledicências, confundiam a paixão sincera de uma amante com veleidades de adúltera. Mas ninguém ia papar a sua Rita, ah não.

Na Av. Brasil, o trânsito estava congestionado. Um caminhão de mudanças estava atravessado na rua. Havia batido em um ônibus. Guardas de trânsito apitavam e sinalizavam. Um carro-reboque tentava levar o ônibus para junto do meio-fio. Camilo parou o carro e dispôs-se a esperar. Não tinha pressa. Estava tamborilando os dedos no volante e olhando distraidamente para os lados quando viu a casa. Era velha, de esquina, e destoava dos prédios novos do quarteirão. Na porta havia uma placa — Madame Hilda, Cartomante. Camilo estava na Av. Brasil e a casa coincidia com a descrição de Rita. Entre ficar parado dentro do carro e consultar a sua sorte Camilo optou pelo segundo. Desligou o rádio e o carro, saiu e fechou a porta.

Por dentro a casa era tão velha quanto lá fora. Era como ele sempre imaginara uma casa de cartomante por dentro: teias de aranha nos vãos das portas, poucos móveis e retratos indecifráveis nas paredes. E havia também um cheiro de coisa azeda. Camilo foi em frente. No fundo do corredor estava Madame Hilda. Como se estivesse esperando por ele. Sente-se, falou, sem olhar para

Camilo. Camilo sentou-se de frente para ela. Madame Hilda empilhava cartas sobre uma mesa redonda. Embaralhou-as, tornou a empilhá-las e dividiu-as em duas fatias iguais. Tirou a carta de baixo de uma das fatias. Rapaz apaixonado, rapaz corneado, mulher deitada. Ouço vozes picadas, costuradas, mensagens.

Camilo não estava entendendo muito bem. Perguntou — ela me ama? Muito, respondeu Madame Hilda. É isto que importa, falou Camilo levantando-se. Sorria para a Madame. Não quer ouvir o resto?, perguntou Madame Hilda com olhos frios. Não, já ouvi o bastante, respondeu Camilo. Então lembrou-se que Rita lhe dissera que a cartomante cobrava caro. Não sabia como proceder numa situação dessa. Viu quando Madame Hilda tirou uma pera da gaveta da mesa e pôs-se a mastigá-la. Para você comprar peras, disse Camilo, estendendo-lhe seis notas de quinhentos cruzeiros. Os olhos de Madame Hilda brilharam. Ainda perguntou — tem certeza de que não quer saber o resto? Não, não, obrigado, respondeu Camilo. E saiu, apressado. Vai, rapaz enamorado... cantarolou Madame Hilda.

Na rua, já haviam rebocado o caminhão e o ônibus e o trânsito escoava normalmente. Camilo deu a partida no carro. Na esquina, pisou no acelerador e foi, muito feliz, cortando os carros em sua frente.

Ó de casa, gritou, entrando. A **Banda Veneno** tocava na sala. Vilela estava de costas para a porta. Êi, camarada, cumprimentou Camilo. Vilela voltou-se lentamente para o amigo e deu-lhe três tiros no peito. Enquanto morria, e era tão ruim morrer que Camilo trincou os dentes, viu Rita dobrada no chão com o peito vermelho. E Vilela fez o seguinte: abaixou o volume do som e apertou o botão do gravador. **Gonha de trair o seu melhor amigo?** A pista acelerada e, em outro canal: **pro seu buraquinho, meu bem, vem pro seu buraquinho, meu bem, vem pro seu bu.**

(Que Machado de Assis me perdoe, já tomei muita liberdade com a estória dele, mas prefiro um outro final. Aliás, **final** em conto (ou outro gênero de ficção) não devia existir. Mas já que se tem de terminar de alguma forma, proponho esta: (Vilela, apesar de ingênuo tinha lá suas sagacidades de montador de fitas, mas prefiro considerá-lo ainda um meio-tolo sem tendências homicidas):

Camilo entra, Rita o espera de roupão vermelho aberto à altura da coxa esquerda. Vilela ouve **Banda Veneno**. É claro que já havia percebido tudo entre o amigo e a mulher. Enquanto vê os dois se beijando (e se ainda não tivesse percebido nada, perceberia naquele momento) molha dois dedos da mão direita na boca e logo em seguida toca, com eles, a entrada do amplificador ligado. Não me perguntem quantos volts tem um amplificador ligado. Só posso afirmar que é o bastante para eletrocutar o imbecil que faz uma coisa dessa. (Bem, pelo menos dar-lhe um bom coice). De qualquer forma, eu calculo a potência de um bom amplificador (com filtros, loudness, fonte de alimentação regulada e outros sofisticados recursos técnicos) em torno de 160 volts).

(Ninguém merece uma morte tão chocante. Imaginemos Camilo entrando na casa. Vilela, naturalmente, já descobrira tudo. Sua cabeça não agüentara a pressão. Está vestido de baiana e dança ao som de **Banda Veneno**. Não tem um rebolado muito excitante mas convence pelos gestos graciosos das mãos. Camilo e Rita, às gargalhadas, fogem para a Rodésia).

(Nunca mais faço adaptação de Machado de Assis, nem de outro escritor, seja do mesmo nível ou menor. Confesso que não estou conseguindo terminar tão intrigante enredo. Leiam o original. É um pouco melhor).

ENSAIOS

50 ANOS DO PRIMEIRO LIVRO DE EDUARDO FRIEIRO

Danilo Gomes

Eduardo Frieiro, escritor, e grande escritor. Filho de imigrantes espanhóis, e que, lutando contra dificuldades, começou a vida como tipógrafo da Imprensa Oficial de Minas Gerais, onde foi ocupando melhores postos, graças a seus próprios méritos. Um nome que é uma legenda, um símbolo de trabalho metódico, tenaz, inteligente, a serviço da melhor literatura. Autodidata, sem ter freqüentado colégios ou universidades, aposentou-se como catedrático da Faculdade de Filosofia da UFMG. Mineiro nascido em Matias Barbosa, tornou-se, além de festejado romancista, crítico respeitado e poderoso ensaísta, com numerosos livros publicados. Problemas de visão têm-no impedido de colaborar em jornais, atividade que exerceu por tantos anos e com ampla audiência.

Mas, as gerações emergentes conhecem bem esse escritor? Creio que, lamentavelmente, não. Então, é hora de recordarmos um pouco a figura desse intelectual que, em Belo Horizonte, onde mora há décadas, acaba de completar 85 anos de idade, ao lado de D. Noêmia, esposa solícita e secretária diligente. O momento é oportuno: estamos comemorando (ou devíamos comemorar) o cinquentenário do aparecimento de seu primeiro livro, **O Clube dos Grafômanos** (Edições Pindorama, BH, 1927).

Gerações de intelectuais brasileiros receberam a benéfica influência desse homem de pensamento, desse escritor de idéias, desse ensaísta afinado com as melhores correntes estéticas. Foi o primeiro a escrever, no Brasil, sobre Sartre, abordando, em

1939, **La Nausée**. Conhecedor profundo dos segredos, dos mistérios, da tragédia e da comédia da literatura. Onde está a «coisa literária», ali está Frieiro buscando penetrá-la, argüí-la, absorvê-la e transmiti-la.

De sua bibliografia constam as seguintes obras já publicadas: **O Clube dos Grafômanos; O Mameluco Boaventura; Inquietude, Melancolia** (a que deu novo título, **Basileu**); **O Brasileiro não é Triste; A Ilusão Literária; O Cabo das Tormentas; Letras Mineiras; Os Livros, Nossos Amigos; Como Era Gonzaga?; Páginas e Crítica e Outros Escritos; O Romancista Avelino Fóscolo; O Diabo na Livraria do Cônego e outros Temas Mineiros; O Alegre Arcipreste e Outros Temas de Literatura Espanhola; Feijão, Angu e Couve; O Elmo de Mambrino, Torre de Papel**. Inéditos, tem **Bocejos de Salomão; Glosas de Vária Lição; Escritores Animalistas; Páginas de Literatura Hispano-Americana**, e um monumental **Diário**, que vem escrevendo há décadas.

Eduardo Frieiro recebeu o grau de Doutor em Letras Neo-Latinas pela Faculdade de Filosofia da UFMG, da qual foi (desde 1940) catedrático de Literatura Espanhola e Hispano-Americana. Nosso escritor foi Diretor da excelente revista **Kriterion**, daquela Faculdade. Lecionou também História no Livro na Faculdade de Biblioteconomia da UFMG. Planejou a Biblioteca Pública de Minas Gerais, de que foi Diretor por 9 anos. Recebeu a Medalha do Mérito da Inconfidência, conferida pelo Governo de seu Estado. Em 1960, a Academia Brasileira de Letras, outorgou-lhe o Grande Prêmio Machado de Assis, pelo conjunto de sua obra. Ocupa na Academia Mineira de Letras a cadeira nº 7.

Autêntico bibliófilo, leitor incansável, impenitente, ama o livro não apenas na sua substância como também na sua apresentação material, possuindo uma imensa biblioteca.

Solitário, seu tanto arredio, nunca ligado a qualquer tipo de escola ou «igrejinha» literária, Frieiro se auto-define como um «Robinson solitário». Prefere o seu canto, o sossego de sua biblioteca, a sua «cova de urso cavernícola», como escreveu na dedicação que me fez de seu **O Clube dos Grafômanos**, hoje uma raridade. No entanto, é homem de tratamento afável. Nesse particular,

parece-se com Samuel Rawet. São ambos infensos aos holofotes e às berlindas, um tanto pessimistas, mas cheios de urbanidade no trato com os companheiros.

Dezenas e dezenas de artigos, com os mais consagradores elogios, foram escritos sobre os trabalhos magistrais de Eduardo Frieiro, e são assinados por nomes da envergadura de João Ribeiro, Humberto de Campos, Agripino Grieco, Aires da Matta Machado Filho, Luiz da Câmara Cascudo, Raimundo de Menezes, Sud Mennucci, Oscar Mendes, Emílio Moura, Guilhermino César, Brito Broca, Josué Montello, Wilson Castelo Branco, Afrânio Coutinho, Elói Pontes, Ivan Lins, Wilton Cardoso, José Condé, Fritz Teixeira de Salles, Heitor Martins, tantos outros.

Conhecem profundamente sua obra — dentre outros — meus amigos Maria José de Queiroz (sua brilhante ex-aluna e sucessora na Faculdade de Filosofia) e Gualter Gontijo Maciel (escritor e jornalista hoje residente em Brasília), que vê nele, Frieiro, um «clerc» à maneira de Julien Benda.

Quando nosso autor completou 40 anos de literatura, o Suplemento Literário do **Minas Gerais** dedicou-lhe um número especial.

O Clube dos Grafômanos, o livro cinqüentenário, é um romance crítico, espécie de crônica da vida literária de Belo Horizonte àquela época. Desde então, outros livros do mestre foram surgindo e sua obra ganhou cada vez mais em importância, sedimentando as qualidades do autor, que são, basicamente: clareza cartesiana na exposição de idéias e conceitos; erudição bem dosada ao longo das páginas — nunca indigesta, nunca servida em doses sufocantes; elegância ática de estilo, numa sintaxe soberba; concisão; adjetivação moderada; e essa ironia que chega por vezes a ser mordaz, mas que encerra um ceticismo sadio e equilibrado diante da literatura e da vida. Frieiro sabe gracejar dos outros e de si mesmo como só um Shaw saberia fazê-lo.

Pessoalmente, dou testemunho do quanto Frieiro contribuiu, com seus artigos de imprensa e seus livros; principalmente, na formação do meu espírito. Por vários anos fui seu leitor constante, de lhe não perder uma só linha. Honra-me com a sua amizade de mais de 10 anos. Visitei-o, pela primeira vez, na tarde

de 6 de março de 1966, na sua casa da Avenida Francisco Sales, nº 1.610, aonde várias vezes voltei para aprender mais e desfrutar de sua amável convivência. Aturava-me por horas, com o que se deve ter livrado de boa temporada no Purgatório. O «curso cavernícola» em sua toca, o Robinson Crusóé em sua ilha de livros, foi sempre um amante da conversação, um cortês anfitrião. Sobre ele tive a satisfação de escrever alguns artigos e até um trabalho de certo fôlego, quando estudava Biblioteconomia na UFMG, apresentando-o, como exercício de fim do primeiro semestre de 1966, à Professora Ana Maria Polke.

Deu-me Eduardo Friero a honra de responder às cartas que eu, na angústia da primeira mocidade, procurando caminhos, lhe dirigi. Saiu de seus cuidados para responder ao neófito atribulado. A primeira resposta com que me obsequiou data de 28 de agosto de 1962. Ali está este trecho: «Disse-me que tem 20 anos. Não era preciso dizer-me. Sua inquietação, sua sofreguidão em obter respostas para muitas dúvidas, sua necessidade de se apoiar em algumas idéias repousantes, estão a proclamá-lo. Tudo o que me escreve é próprio da primeira mocidade. *Il faut que jeunesse passe*».

Sim, era preciso que o fogaréu da mocidade amainasse, que se aplacasse aquele ímpeto de publicar o primeiro livro (geralmente um gesto de que mais tarde se arrepende). Só o tempo me daria as respostas. Não obstante avesso a dar e receber conselhos, o autor de «O Elmo de Mambrino» me recomendava, na carta de 10 de agosto daquele ano de 1962, que lesse os poetas Bandeira, Drummond, Emílio Moura, Vinicius de Moraes, João Cabral de Mello Neto, Murilo Mendes, Bueno de Rivera, e, entre os prosadores, Kafka, Sartre, Faulkner, José Lins do Rego, Guimarães Rosa, Jorge Amado, Graciliano Ramos. Que lesse os grandes clássicos da literatura universal. Isso, depois de desancar com boas pauladas uns horríveis e ordinários versos que «perpetrei» e ousei submeter à sua alta apreciação. Nunca mais pensei em ser poeta, para bem de todos e dignidade das letras pátrias. Minha «vocaçã» de poeta morria a competentes pauladas à porta do nº 1.610 da Avenida Francisco Sales.

Quanto aprendi com Frieiro, nos livros, nos artigos de imprensa, nas revistas, nas cartas, nos bate-papos, em sua casa ou na Avenida Afonso Pena e Rua da Bahia, onde à tarde ele gostava de caminhar a passos lentos, modesto como sempre, a espaiar o espírito de fatigantes exercícios intelectuais!

Este artigo, escrito com emoção, a propósito dos 50 anos de **Clube dos Grafômanos** e embora focalizando superficialmente a figura exemplar de Eduardo Frieiro, tem a finalidade de despertar nos mais jovens o desejo de conhecer a obra que ele nos tem legado, essa ampla e importante frieiriana que está a merecer reedição.

Significa também este artigo uma pequena homenagem ao grande escritor e querido amigo, que acaba de completar 85 anos de laboriosa e fecunda existência.

Brasília, 1º de agosto de 1977.

INDIO E LETRAS NO BRASIL

Anna Maria Viegas

A presença do índio na história da civilização e da cultura brasileiras se manifesta pelo menos de duas maneiras distintas: 1) o índio como assunto de documentos históricos e parte integrante de relatórios e inventários das descobertas portuguesas no Brasil; 2) o índio como motivo de inspiração literária e artística. Mas, em geral, quando se trata da questão indígena, pouca alusão, e às vezes nenhuma, se faz ao primeiro item. Assim se explicam certas contradições flagrantes, embora sutis, até em bons autores que se ocupam do assunto. Por exemplo, o admitir-se Caminha, Anchieta, Nóbrega e outros como «escritores brasileiros», ao mesmo tempo que se nega a existência do indigenismo nas letras do Brasil. E por aí seguimos.

O problema, pensamos, é questão de bom senso e de perspectiva. Perguntaríamos: para se pertencer à literatura de um povo bastaria escrever sobre seus valores na sua própria língua? quais os limites das questões indianismo e indigenismo? algum critério a seguir na classificação dos fenômenos, após o estabelecimento de tais limites?

Um primeiro passo essencial ao nosso estudo seria exatamente este: o de bem definir o critério de abordagem das duas correntes, após o estabelecimento dos limites de sua influência verdadeira. Consideradas como tendências características na interpretação de um fenômeno antropológico e histórico-social, não poderiam limitar-se, pelo menos por hipótese, ao puro terreno da criação. Programáticas literárias e artísticas se tornariam aí pos-

síveis, a partir do momento em que duas orientações se erigissem como mentalidades, dentro de um contexto cultural preciso. Mas outras programáticas (de natureza econômica, financeira, religiosa, política, administrativa etc.) seriam igualmente viáveis dentro das linhas de conduta que de tais mentalidades se nutrissem. Em conseqüência, amplificar-se-iam evidentemente os limites de uma pesquisa que se pretendesse um pouco menos fluida nesse sentido. Verdade é que desde os primeiros instantes de existência concreta do Brasil — instantes de que temos notícia, bem entendido — elementos definidores de orientações características se manifestarão a respeito do tratamento do nosso indígena.

Nestes primeiros instantes da vida colonial brasileira são duas as perspectivas em que o fenômeno se apresenta: a perspectiva do próprio índio, que (não fosse a aparição do português) prosseguiria sua existência dentro de certa ordem através da qual se manifestava; e a perspectiva daqueles que o descobriram.

Ainda aquém daquilo que se chama **civilização**, é apenas a uma espécie de folclore indígena que no primeiro caso podemos aludir. Ritos, crenças, costumes, princípios, condições e meios de vida, língua, tudo isso nos interessaria como objeto de estudo e pesquisa. Mas, se através de tais elementos um grupo social se constitui e se identifica, não poderemos dizer por outro lado que em tais manifestações espontâneas ele próprio se busque uma definição objetiva. É o caso do indígena brasileiro. Cria-se, projeta-se, não se mira. Só para o **outro**, o observador novo, transformar-se-á em assunto ou em notícia. Esse outro, evidentemente, se não é o nosso elemento natural e a ele não se assimila, também não será elemento autóctone, nem de mentalidade nem de origem. É o curioso, é o aventureiro, o explorador, o colono e até o cientista, mas sempre o estrangeiro, a visita. Qualquer produção que daí advenha, ainda que seja expressa em nheengatu ou tupi (cf. cateretês católicos de Anchieta), serão produções alienígenas.

Resta-nos então examinar a questão indígena já de outra perspectiva. Isto é: a perspectiva daqueles que a descobriram, o colonizador português, difícil de definir.

Via de regra, são todos mais ou menos unânimes em admitir o verdadeiro pasmo do descobridor em face do nosso índio. Polígamo por natureza, como observa Afrânio Coutinho,¹ apreciou mais depressa a índia, no feminino, «com suas vergonhas tão cerradinhas» e demais encantos, na expressão de Pero Vaz de Caminha.² A mesma atitude assumiria mais tarde em relação ao elemento negro de importação e seus descendentes, mas sempre no feminino, o que aliás nos valeu a mulata, «major criação do gênio português», segundo o folclore de nossos dias. Tal observação pode parecer secundária à primeira vista, mas tem constituído um dos argumentos mais importantes para sociólogos e historiógrafos da vida colonial no Brasil. Alimentou, por exemplo, e em particular para Gilberto Freire, toda uma psicologia social do brasileiro, construída a partir de dados desse tipo, identificando a capacidade de «miscigenação» do português, povo ou «raça» de onde em última instância provemos. No que se refere a essa pretensa miscibilidade lusa, ocioso aqui discutir tal perspectiva já antropológicamente ultrapassada. No terreno da história e da historiografia, voltamos ao objeto da nossa enquete: índio escravizado (elemento masculino), utilizado (elemento feminino), e não consta que a miscibilidade portuguesa chegasse a constituir família com o espetáculo índia. Esse espetáculo era artigo de consumo até nas expressões elogiosas que a ele se dirigiam. — Que dizer? Atitude indianista ou indigenista até aqui?

Um pouco mais tarde, quando o português já se integra, por assim dizer, a uma vida mais brasileira no seu dia a dia, os documentos que daí nos restam revelam antes de mais nada um grande conflito. O elemento religioso, principalmente jesuíta, aparece ao lado do elemento político-administrativo, representado também pelos bispos. Melhor seria portanto dizer: elemento missionário e elemento político-administrativo. É quando pela primeira vez o elemento índio se propõe como problema em nossa

1. Afrânio COUTINHO, *A literatura no Brasil*, vol. I, tomo 2, Editorial Sul Americana S/A, Rio, 1955, p. 663.

2. Pero VAZ de CAMINHA, *Carta* (in Jaime Cortesão, *As origens do Brasil*, p. 149), citada por A. COUTINHO, *idem*, p. 663.

vida cultural. Não é o espetáculo sensual, não é material de consumo da empresa colonialista; é uma questão econômica e social a ser resolvida.

Nesse impasse da história luso-brasileira, o índio se transforma em assunto, notícia, objeto de pesquisa. Duas mentalidades entram em choque, do lado português sempre, em consonância com duas concepções distintas de colonização do país. Teremos então: de um lado, princípios renascentistas, executados na maioria das vezes através da autoridade administrativa episcopal, e que interpretam o esforço da colonização (catequese inclusive) em dependência do trabalho de conquista (imposição na América de um clichê de civilização européia pré-elaborado); de outro, na pessoa do missionário jesuíta, princípios já amplamente informados pelos ideais contra-reformistas e que se traduzem principalmente na tentativa de cristianização do país, acima de qualquer interesse e qualquer exigência alheios às crenças que assumiam.

Neste momento começam realmente algumas manifestações culturais, não indígenas, mas concebidas a partir de elementos fornecidos pelo seu folclore. São os autos, poemas, orações etc., de estilo barroco-jesuítico, adaptados aos costumes e hábitos das nossas tribos e realizados via de regra na própria língua tupi. Mas, ainda aqui, não podemos falar de verdadeira assimilação da Igreja pelos ritos ameríndios, nem tampouco de fenômeno de aculturação da perspectiva oposta. Nem um nem outro lado capitulava diante das novas perspectivas que reciprocamente se ofereciam: o lado jesuíta, contente com uma certa atividade de despaganização do gentio através da administração dos sacramentos e execução de certas práticas religiosas, considerava acidental qualquer outro elemento que por aí também se enveredasse; o lado índio, por sua vez, vendo fantasiadas as práticas religiosas cristãs naquilo de que sua própria mentalidade se nutria, longe estava de penetrar os desígnios evangelizantes dos ritos novos que executavam.

Evidentemente, se pensamos no influxo da graça divina, colocando-nos de perspectiva teológica, alguma mudança radical lá deve ter-se operado, pelo menos da perspectiva do jesuíta e a partir da presença do jesuíta em nossa sociedade. Só que tal

tipo de transformação nem sempre deixa traços concretos a serem revistos por interpretação outra de natureza extra-teológica. Observemos, aliás, que foi justamente neste ponto que conflitos sociais mais sérios, motivados pelos índios, se iniciaram entre bispos (posição político-administrativa) e jesuítas (posição missionária).

Era o esforço de conquista lusa do Brasil «incivilizado».

Documentando esse episódio, permitimo-nos transcrever longamente Buarque de Holanda, no seu capítulo **A Igreja no Brasil colonial**:³

«Confundindo, e até identificando, a religião com a cultura, queria o bispo que se exigisse dos índios, antes de serem admitidos ao batismo, a capitulação diante da civilização ocidental. Escandalizou-se, assim, com o fato de tolerarem os missionários a nudez dos selvagens, mesmo em reuniões religiosas, quando, observa Nóbrega, não haveria no país inteiro fazenda que chegasse para todos. Mais ainda, por aceitarem nas procissões e cerimônias não litúrgicas, cantos e danças selvagens. Escandalizou-se ainda mais com o fato de permitirem os jesuítas que as suas visitas nas aldeias indígenas fossem feitas, com cruz alçada, mas cantando os meninos e tocando à moda dos índios 'com seus mesmos cantares, mudadas as palavras em louvor de Deus'. Os índios 'folgavam muito e vinham ao nosso tanger e cantar e bailar', dizia Nóbrega. Impugnou asperamente a catequese através das crianças, mortificando ao extremo o Padre Nóbrega, que tinha posto nisso todas as suas esperanças. Repreendeu, até certo ponto, os inacianos por admitirem a confissão por meio de intérpretes (e canonicamente aduziu bons argumentos), mas baseado no pressuposto de que deveriam os índios fazê-lo em português, 'porque enquanto não falarem, não deixam de ser gentios nos costumes'. Sem levar em conta a assimilação pela Igreja de tantos ritos pagãos, dando-lhes um sentido sublime, opôs-se tenazmente a qualquer concessão nos hábitos puramente europeus do tempo. Profundamente racista, ao que parece, não concebia a sua missão apostólica senão perante os europeus imigrados e

3. Sérgio BUARQUE de HOLANDA, *História Geral da Civilização Brasileira*, tomo I, vol. 2, Difusão Européia do Livro, São Paulo, pp. 58-59.

nunca perante os selvagens. Segundo Nóbrega, 'não se tinha por seu bispo, e eles lhe pareciam incapazes de toda doutrina, por sua bruteza e bestialidade, nem as tinha por ovelhas de seu curral, nem que Cristo Nosso Senhor se dignasse de as ter por tais'. Nem sequer as missões volantes nas aldeias permitiu fossem martidas, 'pois não gostava de capelas e casas de meninos entre os índios'.»

Aqui, Buarque de Holanda se refere especialmente a Dom Pedro Fernandes Sardinha, aliás «martirizado» pelos índios durante a sua missão no Brasil colonial, e também em constantes conflitos com o governador geral Duarte da Costa, mentalidade um pouco mais arejada. Quanto a Nóbrega, viu-se obrigado a retirar-se da Bahia, instalando-se em São Vicente. Após a morte trágica de Sardinha, entretanto, apesar de grande esperança e tirania menor, os jesuítas na realidade jamais conseguiram desenvolver livremente sua ação missionária.

Examinando as duas mentalidades, não conseguimos considerá-las como opostas. Sim, mentalidades pura e simplesmente adversárias, servindo ambas a interesses de grupos mais ou menos fechados e em choque. Além do mais, não devemos esquecer a perspectiva do índio. Esse índio, nem num nem noutro campo de batalha, era visto através de seus próprios olhos. — Algum de nós já teria sido visto assim? Mas, em suma, era jamais ele próprio, jamais constituído de seus valores humanos e sociais. Quer em dependência dos interesses da colônia administrativa, quer em dependência dos interesses da colônia missionária, sua significação só existia em razão direta à significação outra do rebanho a que se integrasse. Se, de um lado, só deixaria de ser «gentio» a partir do momento em que adotasse um instrumento X de expressão (no caso, a língua portuguesa e os costumes europeus ocidentais), do outro, também a mentalidade colonizadora não se alterava. Pois era em função do batismo e da acomodação de seus rituais aos rituais católicos que o indígena passaria a existir como personagem no palco missionário. A psicologia das conciliações e a política das concessões mútuas dos inacianos, não deixava de ser uma espécie de «psicologia do nós», altamente informada pela mentalidade ocidental. Como hoje, o exemplar humano realizado

não se encontrará, evidentemente, no **eu sou eu** do psicólogo,⁴ mas no **eu sou nós** da mentalidade centralizada em si própria. E esse **nós** (que se traduzirá por um «português», por exemplo, ou «brasileiro», «protestante», «índio», profissional qualquer ou «doutor») dependerá, é claro, de uma suposta hierarquia de valores, sempre extrínsecos à personalidade do indivíduo que se constrói e submissos aos interesses da casta dentro da qual ele irá funcionar.

Não é, portanto, de se espantar que os jesuítas chegassem a admitir mais tarde, e como legítima, a escravização dos selvagens. Ecos de defesa dos índios encontraremos na literatura de Vieira, no que se refere ao genérico do problema. Na prática, Vieira também praticará a política da conciliação em relação aos nossos selvagens, pregando como única verdadeira libertação, não a dos corpos que perecem, mas a da alma para a eterna felicidade. Até o movimento das **entradas** — sob o controle direto da Igreja e supervisão do Estado — terá sua justificação na palavra do pregador. O indígena cairá na armadilha do colono. Mas: verá salva sua alma, batizado pelo missionário e tendo garantido seu direito a algumas práticas religiosas indispensáveis. O mesmo acontecerá ao negro. Transforma-se esta escravidão num dos instrumentos providenciais da atividade missionária. Só que, se as práticas religiosas comesçassem a interferir no trabalho cotidiano do escravo, a ponto de — aos olhos do colono — modificar seu rendimento, poderiam ser suprimidas pela autoridade administrativa e dispensadas pelo religioso. Essa religiosidade era a do bispado. E aqui o missionário se sentiu lesado em seus direitos fundamentais:

«Quem havia de crer que em uma Colônia chamada de portugueses se visse a Igreja sem obediência, as Censuras sem temor, o Sacerdócio sem respeito, e as pessoas, e lugares sagrados sem imunidade?»⁵

4. Cf. Master ECKHART, *Fragmentos*, em epígrafe ao cap. III, *Natureza e caráter do homem*, em *Análise do Homem* de Erich FROMM, Zahar Editores, Rio, 1960, pp. 33 e ss. O tema é discutido também em *Arte de Amar*, Editora Itatiaia.

5. Antônio VIEIRA, *Sermão da Epifania* (1662), in *Sermões Completos*, Aguilar, 1959.

Além disso, de que maneira dar conta a Deus das almas que lhe haviam sido confiadas? Como escapar ao castigo eterno aos olhos do juiz divino implacável? ⁶

Vieira ainda, até nas suas convicções estilístico-literárias, deixaria transparecer a mentalidade lusa castista, quando se trata também do gentio a catequizar. Na sua hierarquia lingüística, que teria como ponto de referência a escala de valores do pecado, incluía-se o programa de alfabetização do selvagem. Gentio, sua linguagem (como instrumento de auto-expressão e interpretação do cosmos) estaria excluída dos quadros do tronco original da linguagem revelada.⁷ A alfabetização, nesse caso, era exigência da conquista catequética; não era defendida como processo civilizatório racional. Tinha, como às vezes ainda o vemos hoje, cunho político-religioso.

Brasileiro ou português, portanto, o nosso Vieira, se considerado dessa perspectiva? — Nem um nem outro. Jesuíta, antes de mais nada; missionário por temperamento e vocação; e, no seu ritmo de vida e estilo de atividade, na maior parte das vezes (o que admiramos), pura e simplesmente Vieira ele próprio.

Daí, o não podermos separar um estudo histórico-biográfico da sua personalidade de um levantamento crítico-estilístico da sua produção literária, já que é essa produção a sua atividade missionária. Sem isso, praticamente impossível concluir um esboço de sua estatura de personagem histórica.

Do ponto de vista da questão indígena, ao lado das outras figuras que o secundaram (e pensamos principalmente em Anchieta e Manuel da Nóbrega), foi tão indigenista quanto seus companheiros de ordem, e tão indigenista ainda, embora em outro plano, quanto o próprio Sardinha na tragédia da sua morte. Em consequência, pelo menos três razões importantes e básicas viriam comprovar a distância enorme que o separa, por exemplo, de um Gonçalves Dias ou de um Alencar. Tais razões: 1) a origem de sua produção, de orientação tão alienígena quanto à de Anchieta;

6. idem, *ibidem*.

7. idem, *História do Futuro, Obras Escolhidas*, Livraria Sá da Costa, Lisboa, 1953.

2) a mentalidade indigenista, em franca oposição ao indianismo que caracterizaria a literatura brasileira autóctone um pouco mais tarde; 3) a própria natureza de seu estilo de composição, onde o índio não representa nenhum elemento de inspiração artística e nenhum fator de criação; é simples elemento no quadro de interesses alienígenas.

No domínio da criação, é sobretudo a partir do romantismo (século XIX) que a presença do índio se faz notar de maneira mais incisiva no Brasil, e praticamente apenas no terreno da literatura. Mas, como lembra Afrânio Coutinho, aqui é preciso esclarecer: «o romantismo no Brasil precede a si mesmo: os árcades já eram românticos, pelo que se diz». A observação é de grande importância, pois de qualquer forma nos aproxima românticos e árcades; a afirmação em si é bastante vulnerável. De passagem, lembremos apenas que as notas românticas assinaladas nos árcades pelos historiadores e pela crítica atestam, antes de mais nada, manifestações de um estilo — não clássico, notemos bem, nem romântico por oposição — e sim de características barrocas. Citemos, por exemplo, a utilização do elemento pictórico nas composições, em concorrência com a tendência linear renascentista, mas que nem de longe se assemelha aos exotismo das descrições do século XIX; o sentido estético de «irregularidade-tensão-esforço», nota de concepção barroca, também não se confunde com o aproveitamento do drama pessoal e íntimo que alimentaria o individualismo romântico um pouco mais tarde; o mesmo diremos de algumas características formais, como adjetivação, uso de metáforas, hipérboles, antíteses. Tudo dependerá do tratamento específico dado a essas características, de âmbito mais geral, e de sua orientação no domínio literário. É aí também que a questão indígena se colocará como matéria a ser por nós examinada.

Tanto da perspectiva dos árcades (e diremos barroca) como da perspectiva dos escritores brasileiros do século XIX (romântica), a questão indígena (interpretação antropológica e histórico-social do fenômeno), vai submeter-se sempre ao tratamento exigido por aquilo que chamaríamos de «ficção histórica». A reconstituição

8. Afrânio COUTINHO, *idem*, p. 671.

de um fato, cientificamente ou não, aqui será elemento essencial à arte. Para melhor distinguir as direções a que se submete a programática indígena neste particular, observemos rapidamente os momentos principais da criação no domínio da ficção histórica:

1. O primeiro movimento, ainda não criador mas sempre propenso a uma atitude criadora eventual, será a capacidade de apreensão de um fato concreto e de significação social bem marcada.

2. Apreendido, esse fato se transformará em experiência. Isto é: em situação ao mesmo tempo **fornecida por e tomada a** uma realidade vivencial. É a situação que, inicialmente objetiva, mostrará agora ao artista que o mundo exterior (o mesmo que neste instante já se recria numa outra experiência pessoal inevitável) fecha-se-lhe, na realidade. É estranho, circunstancial.

3. A perspectiva em que dramaticamente se coloca permitirá a esse artista a escolha do seu «elemento de criação».

4. Tal elemento, por sua vez, e mesmo dentro dos limites de uma única temática, poderá manifestar-se através de pelo menos três estruturas de base: um vulto, e teremos a estrutura do drama de personagem; um acontecimento, eis o drama de ação; uma circunstância, e passamos ao contexto do tempo ou do espaço.⁹

5. Reinterpretado no momento da expressão, atitude individual, esse elemento de criação se atualiza em forma de signos, assim adquirindo sua função simbólica, onde também encontrará uma dimensão social. Em outras palavras: da **representação** passamos ao domínio da **comunicação**.

6. O conteúdo da obra aparece como traço de união entre os interlocutores (escritor e leitor, no caso), através da estrutura significativa que, no ato da comunicação, os articulará.

7. Concretiza-se a experiência poética, e só essa experiência consegue dissolver as barreiras do mundo exterior (realidade fechada inicial), transformando-o em estado de alma reinterpretável.

9. Wolfgang KAYSER, *Interpretación y análisis de la obra literaria*, trad. de Mouton e Yebra, Gredos, Madrid, 1954, pp. 587 e ss.

8. A vontade, ou **intenção criadora**, de conhecer o mundo, purificado das contingências em que historicamente se elabora, o reduz a apenas **ser**. Este «ser», ao mesmo tempo construído (pelo criador) e construtivo (para o interlocutor), caracteriza-se pela sua estrutura não-subjetiva obrigatória. É independente: do criador, como experiência já comunicada; do interlocutor, em função do qual agora subsistirá; e da inspiração, de que se libera através do processo de significação simbólica.

9. Nessa estruturação poética de funções cognitivas básicas, teremos: a) transposição de um valor histórico ao domínio dos valores estéticos; b) transfiguração, portanto, da verdade histórica em verdade ética.

10. Como consequência: transposição também do **real** ao **ideal**.

Dessa maneira, a ficção histórica — aparentemente produto de uma espécie de literatura engajada, com uma ideologia extraliterária fundamental — não se caracteriza essencialmente pela sua orientação nem pelos objetivos a que possa visar. Pelo contrário, é no conteúdo da sua inspiração apenas que tais objetivos conseguirão ou não evidenciar-se. Além disso, apenas ainda no movimento interno da própria criação, como obra de arte, a sua dimensão social se manifesta. Pois, poeticamente reconstituída e simbolicamente reestruturada, é assim que a verdade científica moralmente se engaja; mesmo processo, e o fato histórico se transfigura, valoriza-se em forma de ideal.

Retomando nestas observações dois de seus aspectos essenciais, teremos:

A) é no conteúdo de sua inspiração que a ficção histórica evidenciará os objetivos e as orientações de sua programática literária.

Assim sendo, é diante do próprio índio, como fenômeno antropológico e histórico-social, que tais observações finalmente nos colocam. Examinando os traços fundamentais da interpretação que lhe é dada, chegaremos em literatura às linhas de conduta que tentamos analisar. «Índio exalçado, nobre selvagem. Índio vilipendiado, cão sujo. Duas faces de uma figura», dirá Maria José de

Queirós. «Duas interpretações de uma raça. Duas programáticas literárias: indianismo e indigenismo».¹⁰

No primeiro caso, teríamos o «espetáculo», um retrato de índio apresentado sobretudo através de aspectos circunstanciais, a sua exterioridade.¹¹ No segundo caso, aquilo que nos dará a identificação do antigo herói selvagem. É a própria questão indígena que passa a constituir objeto de preocupação literária.

Evidentemente, nem a exaltação épica de um lado, nem o aviltamento psicológico do outro, seriam notas obrigatórias dessas duas programáticas. Nenhuma figura é invariavelmente fotogênica nas suas aparições, mesmo de caráter circunstancial, nem tampouco nenhum fenômeno seria decididamente abjeto em todas as suas manifestações e dimensões. Tais perspectivas, como vemos, decorrem do tratamento artístico a que se submeteram duas mentalidades bem definidas dentro de determinado contexto social. Só dessas mentalidades, em última instância, dependeu a reconstituição simbólica do fenômeno. Eis, portanto, neste ponto, o outro aspecto das nossas conclusões:

- B) no movimento interno da criação, como obra de arte, a ficção histórica manifesta a verdadeira dimensão social do seu conteúdo de inspiração.

Em conseqüência, só a partir também da sua estruturação simbólica, a verdade histórica da nossa questão indígena eticamente se comprometerá. Percebemos: de um lado, a arbitrariedade do conceito estético atribuído à realidade que o motivou; mas, de outro lado, a importante dimensão sociológica de manifestações artísticas realizadas dentro de tais perspectivas criadoras. O índio se apaga, uma questão ao mesmo tempo se levanta. A resposta a essa questão será uma programática (aqui neste caso, literária), linhas de conduta diretamente proporcionais à nova significação que, para determinada comunidade, o fenômeno assume.

10. Maria José de QUEIRÓS, **Do indianismo ao indigenismo nas letras hispano-americanas**, tese defendida na UFMG, p. 19.

11. *idem*, p. 22 e p. 29.

Basílio da Gama e Santa Rita Durão, ambos árcades e respectivamente autores do **Uruguai** e do **Caramuru**, teriam, segundo a crítica, tentado uma espécie de epopéia indígena.

O primeiro deles, no seu poema já em versos brancos e estrofação livre, não se mostrará, entretanto, nada romântico no tratamento do índio como objeto de sua inspiração e nada nacionalista no que se refere às linhas de conduta que aí assume. Baseada em motivo histórico, sua obra terá propósitos outros, lusistas antes de mais nada. Nela, o índio aparece vencido, subjugado pelos portugueses na luta da Colônia dos Sete Povos das Missões. Para Afrânio Coutinho, entretanto, os poucos momentos épicos do **Uruguai** vão negar este tratamento, independentemente das intenções de Basílio da Gama e daqueles que ele pretendeu exaltar: «O herói não é o Andrada, mas Cacambo, o índio perseguido pelos portugueses e ludibriado pelos jesuítas, o chefe espoliado de suas terras e esmagado pelo peso de dois grandes impérios, única figura simbólica de grandeza intrínseca».¹²

Durão aproveita lenda brasileira (a do aventureiro Diogo Álvares Correia, primeiro português que esposa uma nativa, Paraguaçu); faz do nosso folclore assunto do seu poema. Esse poema, entretanto, será composto de dez cantos, oitava rima, de modelo camoniano. O próprio índio que nele aparece será visto pelo autor através de duas lentes de efeitos opostos. Paraguaçu, por exemplo, que integra a ação como principal personagem, será «alva como a neve», «nariz natural», «boca mui breve», «olhos de bela luz». Vejamos agora o índio-cenário, figura anônima:

«A brutal catadura, hórrida e feia:
A cor vermelha em si, mostram tingida
De outra cor diferente, que os afeia.
Pedras e paus de embiras enfiados,
Que na face e nariz trazem furados.
Na boca, em carne humana ensangüentada,
Anda o beijo inferior todo caído,
Porque a tem toda em roda esburacada,

12. Afrânio COUTINHO, *idem*, p. 497.

E o lábio de vis pedras embutido.
Os dentes, que é beleza que lhe agrada,
Um sobre outro desponta recrescido.
Nem se lhe vê nascer na barba o pelo.
Chata a cara e nariz, rijo o cabelo».¹³

Ainda assim, costumam dizer que, se Basílio da Gama foi mais brasileiro na forma e luso na essência do seu poema, Durão, ao contrário, teria sido brasileiro na essência e luso apenas no tratamento literário de sua composição...

O que aí enxergamos nada mais é que a orientação característica ao grupo dos árcades em nossa literatura, decorrência ainda de uma mentalidade socialmente não definida e em fase de elaboração. Longe de atingir o domínio da sua técnica e de chegar a uma sistemática de suas perspectivas, essa arte apresenta todo um conflito de solicitações múltiplas e antagônicas, segundo o capricho de duas vontades em ebulição. De um lado, exigências reacionárias, e de um neoclassicismo europeu importado sobretudo, determinariam um certo esforço de objetividade quase clássica, onde o retrato ideal do índio pelo menos até certo ponto se desfigura. De outro, a influência de uma ideologia barroca, na tentativa de traduzir um certo conteúdo espiritual (que aí se apresenta como nacionalista), mas sempre através de atributos morfológicos que, na realidade, se opõem a esse mesmo conteúdo.

O resultado, como vimos, pode vir a constituir verdadeira ilusão de ótica, tendo como consequência a inversão dos valores que informam a mentalidade criadora no próprio ato da criação. Basílio da Gama, de intenção lusista, acaba imortalizando o índio como vítima simbólica da vitória lusa, e, a partir daí, o seu indianismo se estrutura. Santa Rita Durão, de propósitos aparentemente nativistas, pecaria em pelo menos dois pontos: 1º) — ao tornar-se digna de Caramuru, aventureiro luso, é que a raça indígena se eleva aos olhos do autor, pelo crivo da personalidade de Paraguaçu; 2º) — essa personalidade, por sua vez, difere essen-

13. José de Santa Rita DURÃO, *Caramuru (poema épico)*, edição da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho, reimpressa na Typographia de Serva e Cia., Bahia, 1837, canto I, estrofe XX, p. 17.

cialmente daquilo de que se fazem os outros nativos seus irmãos. A perspectiva indianista, portanto, nos aparece em dependência íntima de uma outra perspectiva, lusista, da qual paradoxalmente se constitui.

Também dois aspectos e uma ideologia caracterizariam o indianismo romântico. A ideologia, conseqüência de um certo estado de espírito nativista já bastante consistente, mas pregando a tomada de consciência de uma ainda precária autonomia nacional, transforma a palavra **independência** no «abre-te sésamo» das nossas produções do século XIX. É a mentalidade que subordinará, e de maneira essencial, a solução do problema da autonomia literária ao desfecho da história política do país. Por isso mesmo, se no resto do mundo «romântico é o que não é clássico» (definição de Madame de Staël), no Brasil, «romântico será o que não é português». Quanto aos dois aspectos, submetem-se ao processo de realização de nossa evolução estético-literária.

Na estrutura daquilo que aqui chamamos de ficção histórica, a ideologia aparecerá ligada sobretudo ao primeiro item das nossas conclusões. É, portanto, no conteúdo de inspiração que evidenciará os objetivos e orientações de sua programática. Tal programática se esforçará por traduzir muito mais uma espécie de «petróleo é nosso» literário que propriamente «o índio é nosso» das letras latino-americanas em geral. Cenários, paisagens, fauna, flora ideais, costumes, personagens, processos lingüísticos, tudo constituirá material aproveitável para o tratamento patriótico das produções românticas. Em conseqüência, a presença do índio, que até há pouco se constituía em autêntico símbolo de emancipação nacionalista, passa agora a significar apenas um dos elementos estruturais deste novo brasão. Em relação, entretanto, aos outros elementos que a secundam (inclusive a tentativa de revisão do sistema de expressão lingüística), a importância dessa presença indígena, quando esteticamente atualizada, ultrapassará de muito os limites da própria ideologia de que se criou. Isso decorre da hipervalorização funcional de dois dos momentos criadores da nossa ficção histórica: 1º) — a perspectiva em que dramaticamente se coloca o artista no instante da escolha de seu elemento de criação; 2º) — o processo simbólico de sua expressão literária.

A perspectiva dramática, seja ela qual for, porque informada sempre da ideologia nacionalista que desde logo a transforma em perspectiva **situada**, levará o artista a aí se manifestar obrigatoriamente como «ângulo de visão». Via de regra, é confundindo-se (ou fingindo confundir-se) com um de seus heróis que expressará seu ponto de vista. Presente o índio, é ele (produto genuíno nacional) que automaticamente se transforma em porta-voz desse «ângulo de visão». Representar-se-á, ao mesmo tempo, a si mesmo e ao seu criador. Assim, indianista ou não, neste impasse da sua atividade literária, o artista se aliena: não só investe, mas é também investido pelo mundo que criou.

Daí, todo um processo de reestruturação simbólica da sua expressão. Essa expressão já não poderá ser apenas sua; será antes de mais nada aquela do herói (índio, no caso) que então assume. Como tarefa lingüística, deverá conseguir, para as mesmas realidades lingüísticas do contexto social em que se situa, valorações novas, e de tal modo informadas pela experiência da personagem, que o signo em sua obra passará a funcionar como elemento integrante da criação.

Não é de espantar, portanto, e aqui pensamos num Gonçalves Dias e num Alencar, a afirmativa de que o movimento romântico no Brasil não apenas revoluciona; cria de fato uma literatura. Mas, por outro lado, se é na concretização destas duas linhas de uma programática que o romantismo brasileiro se manifesta em toda a pujança de sua originalidade, é aí igualmente que encontraremos o grande pecado mortal de seus representantes. Para melhor compreender a observação, passemos em revista os dois aspectos que essa ideologia condiciona.

Neste lance de alienação artística, em que o escritor ao mesmo tempo investe e é investido pelo mundo de sua ficção, duas fisionomias distintas irão manifestar-se através da estrutura significativa da obra. É o que acontece à ficção romântica, indianista especialmente, tendo como conseqüência a desfiguração do índio, até mesmo o alencariano, «europeu de tanga e tacape», segundo lugar comum na história da literatura. É também onde teremos o choque, às vezes fatal, entre duas linhas de conduta: a nativista, **projeto** da ficção, e a européia, importada, da qual se nutria o

escritor, a **projeção**. Eis o pecado mortal: «mesmo no terreno ideológico (acrescentaríamos literário) o Brasil não fugiu ao seu destino de nação colonial e de mercado de consumo. As matérias primas com que se fabricavam as doutrinas futuras daqui saíam para a Europa e de lá regressavam sob a forma de artigos importados». «O indianismo francês, nascido do índio brasileiro, é importado pelos nossos escritores como uma planta exótica. Imitávamos, através do francês, o que já era nosso; o que já estava na origem da nossa história literária». ¹⁴

De tal culpa se eximiria o indianismo gonçalvino, autobiográfico sobretudo. E o fato se explica. Pois, se de um lado é como **projeto** e **projeção** do seu criador que, através de duas fisionomias, se apresenta a ficção indianista romântica, isto não significará por outro lado que duas mentalidades diferentes obrigatoriamente se erijam dentro do contexto estético em que tais fisionomias se estruturam. O fenômeno se verifica em Alencar, em outros, mas na verdade o grau de parentesco que separa ou aproxima aquelas mentalidades será inversamente proporcional ao grau de alienação do artista no seu lance criador. Dessa forma, um visionário genuíno, consciente das suas funções de visionário em relação ao grupo social em que se encontra, terá muito maiores possibilidades de harmonizar estes dois mundos entre os quais flutua. Já o visionário pela metade, o reacionário, corre o perigo de desfigurá-los a ambos, subjugado que está, de um lado pelos seus próprios olhos, de outro pelos olhos da sua visão. Primeiro caso, descobrimos Gonçalves Dias: «alienado» por natureza, coerente na conjugação das duas perspectivas que assume. Segundo caso, achamos Alencar: esforço nativista e reação crítica importada, duas mentalidades estanques que se justapõem.

Querem alguns exegetas enxergar nestas mentalidades duas fases por que teria passado o nosso indianismo romântico: uma de feição patriótica e outra de imitação. «Na primeira fase, que é a do patriotismo, forma a nossa epopéia original e talvez a única que na história das nossas letras possa acusar uma fonte e origem

14. Observação de Afonso Arinos de Melo Franco, citada por A. COUTINHO, op. cit., p. 665.

profundamente nacional; na segunda fase, de imitação francesa, colheu já fria e morta a ilusão patriótica mas rejuvenesceu-a, penetrando na corrente universal do Romantismo».¹⁵

Considerando que as duas mentalidades via de regra coexistem numa mesma produção, e em não importa que período da manifestação indianista romântica, preferimos admiti-las apenas como aspectos do próprio movimento interno do ato criador, manifestando linhas distintas no comportamento do artista em relação ao contexto social em que se situa.

Concluindo:

1. A questão indígena, que facilmente se tem constituído em preocupação da história e da crítica artístico-literária, representa, como sabemos, fenómeno cultural e antropológico, erigindo-se como objeto antes de mais nada das ciências sociais e humanas.
2. O índio, por sua vez — e tanto na sua realidade humana como na interpretação que lhe é dada — apresenta-se-nos de duas perspectivas fundamentalmente distintas: espetáculo, qualidades extrínsecas inessenciais; problema, qualidades intrínsecas existenciais.
3. Daí, duas mentalidades diferentes a alimentar o estudo da questão e a informar programáticas de natureza cultural que a ela se referem: a mentalidade indianista, focalizando o espetáculo; e a mentalidade indigenista, na tentativa de interpretação existencial do fenómeno.
4. Objetivamente consideradas, a segunda decorre da primeira: a interpretação indigenista representa, na verdade, uma evolução natural de manifestações indianistas iniciais.
5. Condiçionadas, entretanto, ao comportamento do grupo social onde se inserem e no qual o índio se apresenta como questão, seu conteúdo dependerá da estrutura significativa atribuída a essa questão na comunidade que a condiciona.

15. Opinião de João Ribeiro, também citada por A. COUTINHO, p. 668.

6. É o que explica a distorção, às vezes, das perspectivas de que se nutrem, e a restrição do seu sentido na história cultural de determinado povo.
7. O fato acontece no Brasil, como vimos, quando indianismo se reduz à exaltação simbólica de uma figura, e indigenismo ao aviltamento psicológico de suas qualidades e atributos.
8. Ao contrário, porém, do que se verifica nas civilizações de origem hispano-americana, tais orientações determinam aqui mentalidades estanques: o indigenismo corresponderá à perspectiva alienígena do colonizador, e o indianismo à outra perspectiva, autóctone, de reação.
9. Assim sendo, a segunda se antecipa à primeira e, cronologicamente pelo menos, assistimos a uma completa inversão dos valores culturais de que se constituem.
10. Conseqüências: de um lado, redução das duas mentalidades a apenas aspectos de manifestações culturais outras — (indigenismo, como aspecto de colonialismo de feição mercantil; indianismo, aspecto do nativismo de feição patriótica); de outro lado, hipervalorização funcional do indianismo como elemento de civilização na sua mensagem.

RESENHA

CONCURSO DE CONTOS E DE POEMAS

O 12º Concurso de Contos e de Poemas da Revista Literária do Corpo Discente da Universidade Federal de Minas Gerais recebeu um total de 623 trabalhos, sendo 36 conjuntos de contos — no total de 108 contos — e 103 conjuntos de poemas — no total de 515 poemas.

Os trabalhos foram enviados por 140 alunos da Universidade Federal de Minas Gerais, sendo 48 da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas — 26 de Comunicação Social, 12 de Psicologia, 4 de Filosofia, 3 de História e 3 de Ciências Sociais; 23 da Faculdade de Letras; 13 da Escola de Engenharia — 5 de Engenharia Mecânica, 3 de Engenharia Química, 3 de Engenharia Civil e 3 de Engenharia Elétrica; 9 da Faculdade de Medicina; 7 da Faculdade de Direito; 6 da Faculdade de Ciências Econômicas — 2 de Administração, 2 de Economia, 1 de Ciências Contábeis e 1 do Cedeplar; 6 do Instituto de Ciências Exatas — 2 de Matemática, 2 de Física, 1 de Engenharia e 1 de Química; 3 da Escola de Veterinária; 3 da Escola de Belas Artes; 3 do Instituto de Ciências Biológicas — 2 de Ciências Biológicas e 1 de Medicina; 2 da Escola de Arquitetura; 2 da Faculdade de Farmácia; 2 da Escola de Música; 2 da Faculdade de Educação; 1 da Faculdade de Odontologia; 1 da Escola de Enfermagem e 1 do Colégio Técnico.

Além desses, a Comissão Julgadora recebeu mais trabalhos literários — contos e poemas — de oito pessoas, não alunas da UFMG, que por razões regulamentares, não puderam participar do concurso.

Em doze concursos, a estatística da RL está assim:

ESTATÍSTICA DA RL				
ANOS	ESTUDANTES	TRABALHOS RECEBIDOS		
		CONTOS	POEMAS	TOTAL
1966	61	18	146	164
1967	102	57	198	255
1968	46	38	131	169
1969	121	76	265	341
1970	105	131	221	353
1971	161	68	257	325
1972	123	118	231	349
1973	199	144	238	482
1974	269	172	478	650
1975	92	96	230	326
1976	76	57	275	332
1977	140	108	515	623
TOTAL	1.495	1.083	3.215	4.369

Os trabalhos recebidos e não classificados já foram devolvidos aos seus autores.

A relação dos 623 trabalhos recebidos, com os respectivos pseudônimos, é a seguinte:

CONTOS

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
1	— Requiescat in Pacem Assassino Sem Crime Cochó do Péga	— Loy do Cochó — Loy do Cochó — Loy do Cochó (2º Lugar)
2	— Recusa Os Verdes Cena (Em Um Ato)	— Fondue Piemontês — Fondue Piemontês — Fondue Piemontês
3	— Chapa Mendigo Status Pivete	— Romano Segal — Romano Segal — Romano Segal
4	— Separação Rua dos Atacadistas Quarta Dimensão	— Dom Diego — Dom Diego — Dom Diego
5	— Zé da Faca Uma Curva na Serra Conversas em Volta do Fogo	— Giulia — Giulia — Giulia
6	— Violino O Luminoso Suicídio	— Dedê — Dedê — Dedê
7	— Antólise ...??? Proletariado	— Mônica de Castro — Mônica de Castro — Mônica de Castro
8	— Rotinas Brincadeira O Semáforo	— Pipocas — Pipocas — Pipocas
9	— Mais Um Pivete Fugindo da Morte Tudo Isto é um Absurdo	— Toado de Castro — Toado de Castro — Toado de Castro
10	— Um Caso de Jornal João Carlos O Mendigo	— Zoroastro — Zoroastro — Zoroastro
11	— Final de Jogo Encontro Homem de Fibra	— Iohan (M. Honrosa) — Iohan — Iohan

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
12	— Tiziu Entre Câncer e Capricórnio Primeira Chuva de Setembro	— Frei José — Frei José — Frei José
13	— Triângulo das Bermudas A Coisa Quando Julho Chegar	— Tom Hera — Tom Hera — Tom Hera
14	— Sinais Luminosos Douglas Alucinação	— Cessi Matildi — Cessi Matildi — Cessi Matildi
15	— O Tronco Macaco Simão O Aniversário	— O Próprio — O Próprio — O Próprio
16	— Gente Simples de Minha Terra A Criminosa Mora em Frente Barranqueiro do São Francisco	— Simplesmente Maria — Simplesmente Maria — Simplesmente Maria
17	— Papagaios de Papel O Estrado Sábado à Noite	— João Dutra — João Dutra (M. Honrosa) — João Dutra
18	— Reflexão É Isso Aí... Janela Aberta	— Porta-Bandeira — Porta-Bandeira — Porta-Bandeira
19	— Fantasia Segundo Perls Instantâneo Viva Mundi	— Atefrio — Atefrio — Atefrio
20	— Em Vão Rotina Sebastião José Menezes	— Prâma — Prâma — Prâma
21	— Final de Mês Triângulo Incidente	— Martilho das Docas — Martilho das Docas — Martilho das Docas (3º lugar)
22	— Substituível Essência Normalmente Choro	— Denka — Denka — Denka
23	— Avanço da Poeira Um Miserável Pesa-Mundo	— Luala B. Artor — Luala B. Artor — Luala B. Artor

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
24	— É Preciso Viver	— Gisaleron
	Ana Russa	— Gisaleron
	O Empréstimo	— Gisaleron
25	— Uma Brincadeira	— Dante
	O Espelho	— Dante
	O Capataz	— Dante
26	— Sem Princípio Nem Fim	— Jagomar
	Pequenos Pecados	— Jagomar
	Todos os Apartamentos	— Jagomar (M. Honrosa)
27	— História do Presidente...	— Jimi Hendrix
	Gaiola Perpétua	— Jimi Hendrix
	Lehmkul	— Jimi Hendrix
28	— A Companhia	— Jacaré
	Desabafo	— Jacaré
	O Compromisso	— Jacaré
29	— WZ4 — 217	— Leão
	Carta de Noiva	— Leão
	Feriado Nacional	— Leão
30	— Banana-Ouro, Banana-Prata	— Cida
	Galos de Briga	— Cida
	Intrincado Caminho	— Cida
31	— Boieiros	— Silvestre
	Florivoltas	— Silvestre
	Sangue	— Silvestre
32	— Por Trás do Sol	— Monga 7177
	Idéia Fixa	— Monga 7177
	Entre Passos	— Monga 7177
33	— Desafio	— Dabu (1º lugar)
	Morrer Primeiro	— Dabu
	Eu Mato	— Dabu
34	— Conspiração em Oximpa	— Amarelo 38
	Não Enviou	— Amarelo 38
	Não Enviou	— Amarelo 38

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
35	— De Como Campos das . . .	— Calixto
	Não Enviou	— Calixto
	Não Enviou	— Calixto
36	— Unissex	— Amaro
	A Melhor Solução	— Amaro
	Não Enviou	— Amaro

POESIAS

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
01	— O Tempo (Sob . . . Cotidiano)	— Ludmila
	O Tempo (Sob . . . Boemia)	— Ludmila
	O Tempo (Sob . . . Tédio)	— Ludmila
	O Tempo (Sob . . . Amor)	— Ludmila
	O Tempo (Sob . . . progresso)	— Ludmila
02	— Travessuras	— Quasímodo
	Poemas de Seu Amor	— Quasímodo
	Momento	— Quasímodo
	Cançoneta	— Quasímodo
	Marítimo I	— Quasímodo
03	— Vida de Poeta	— Delagrave
	Cotidiano	— Delagrave
	Paisagem do Quarto	— Delagrave
	Mesa de Bar	— Delagrave
	Fim de Rua	— Delagrave
04	— Dona Assma	— Runpeltiskin
	Nômero	— Runpeltiskin
	Batizado Ortodoxo	— Runpeltiskin
	Raquel	— Runpeltiskin
	Missionária	— Runpeltiskin
05	— Massacre Cotidiano	— Loy do Cochó
	O Último Noturno	— Loy do Cochó
	Perigo no Ar	— Loy do Cochó
	Canto Escuro	— Loy do Cochó
	Aqui e Agora	— Loy do Cochó

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
06 —	Três Asas Voando	— Monga 7177
	Núpcias	— Monga 7177
	Fique onde Está	— Monga 7177
	Bibliotecária	— Monga 7177
	L (...) D	— Monga 7177
07 —	Auto de Todos os Dias	— Fondue Piemontês
	Colibrilho	— Fondue Piemontês
	Fuga em Espelho Côncavo	— Fondue Piemontês
	Fausto Allegro	— Fondue Piemontês
	Reavaliação de Uma Verdade..	— Fondue Piemontês
08 —	Os Habitantes	— Andar Corrido
	A Interação das Forças	— Andar Corrido
	Amanalca	— Andar Corrido
	Nos veremos em Hass	— Andar Corrido
	Todos os Pormenores	— Andar Corrido
09 —	Louco	— Romano Segal
	Legado	— Romano Segal
	Lei	— Romano Segal
	Saudades	— Romano Segal
	Rosto	— Romano Segal
10 —	Exodus	— Eurídice
	Advento	— Eurídice
	Retrato Num Quarto	— Eurídice
	Saudade	— Eurídice
	Pequena Paisagem	— Eurídice
11 —	Iminência	— Maria Custódia
	Vaga	— Maria Custódia
	Calo	— Maria Custódia
	Saudades	— Maria Custódia
	Resquício	— Maria Custódia
12 —	A Minha Poesia	— Lagoeiro
	É Noite	— Lagoeiro
	Curva	— Lagoeiro
	Anula	— Lagoeiro
	Reticência	— Lagoeiro

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
13	— Poemeu	— Chico Tesouro
	— Cobrição	— Chico Tesouro
	— Carta do Primogênito	— Chico Tesouro
	— Sete de Setembro de . . .	— Chico Tesouro
	— Música Mater	— Chico Tesouro
14	— Reboque I	— Yafly
	— Reboque II	— Yafly
	— Reboque III	— Yafly
	— Reboque IV	— Yafly
	— Reboque V	— Yafly
15	— Caça	— Zalblui
	— Botânica do Consolo	— Zalblui
	— (De) Lírio	— Zalblui
	— Em Noturno	— Zalblui
16	— Vaga Alusão	— Zalblui
	— Porta da Igualdade	— Camponês
	— Sertão	— Camponês
	— Exemplo Universal	— Camponês
	— Sou um Passarinho	— Camponês
17	— Você e a Natureza	— Camponês
	— Predestinada	— El Capote Moreno
	— Ao Desconhecido	— El Capote Moreno
	— Era . . . Uma Vez Só	— El Capote Moreno
	— Olhos nos Olhos	— El Capote Moreno
18	— Tempos em Mudança	— El Capote Moreno
	— Quarto de Hotel	— C. Loss
	— Está Claro	— C. Loss
	— Acima do Asfalto	— C. Loss
	— No Trapézio	— C. Loss
19	— Cama de Casal	— C. Loss
	— Lembranças	— Kappot (M. Honrosa)
	— Grilos	— Kappot
	— O Véu	— Kappot
	— Simples	— Kappot
	— A Moça do Sobrado	— Kappot

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
20	— Operário	— Rubricane
	Obstáculos	— Rubricane
	Escravo Rebelde	— Rubricane
	Evolução	— Rubricane
	Micróbio Imortal	— Rubricane
21	— Declaração de Amor	— Geraldo Pedreira
	Reencontro	— Geraldo Pedreira
	Menina Morta	— Geraldo Pedreira
	Poema da Consolação	— Geraldo Pedreira
	Cinco Correntes	— Geraldo Pedreira
22	— Paulo e Virgínia	— Lívia
	Presença	— Lívia
	Asas Azuis	— Lívia
	Momentos	— Lívia
	Busca	— Lívia
23	— Latinamigo	— Antônio João
	Egocídio s/nº	— Antônio João
	Do Paraopeba	— Antônio João
	Nascimorro	— Antônio João
	Guerra em Paz	— Antônio João
24	— Promessa	— Ser
	Menino	— Ser
	Rubão	— Ser
	Moço	— Ser
	Canhão e Pião	— Ser
25	— Sonho Cativo	— Lotzu
	O Outro Lado da Vida	— Lotzu
	D. Quixote	— Lotzu
	Vida de Jangadeiro	— Lotzu
	Proposta de Reforma	— Lotzu
26	— Da Infância	— Toado de Castro
	O Ar do Poema	— Toado de Castro
	Por Detrás das Grades	— Toado de Castro
	Monumento à Minha Prisão	— Toado de Castro
	Feito Sem	— Toado de Castro

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
27	— Descrença	— Gazel
	A Morte do Riso Mendigo	— Gazel
	Cena I	— Gazel
	Pesadelo	— Gazel
	Natal	— Gazel
28	— Música das Esferas	— Pyotr
	Mobilidade Necessária	— Pyotr
	Poema do Amor...	— Pyotr
	Surfista Prateado	— Pyotr
	Uma Vez Mais	— Pyotr
29	— Brincando	— Helius
	Elegia	— Helius
	Do Sonho de Uma Noite...	— Helius
	Corajosamente	— Helius
	Ruído Ancestral	— Helius
30	— Esse Vazio Louco	— Luiza Pablo
	Retrato	— Luiza Pablo
	Coração Irracional	— Luiza Pablo
	Sonho	— Luiza Pablo
	Poema dos Jovens	— Luiza Pablo
31	— Integração	— Tio Lo
	Canto ao Amor Primeiro	— Tio Lo
	Saudades Ecológicas	— Tio Lo
	Redenção	— Tio Lo
	Amor Apocalíptico	— Tio Lo
32	— (Ré) Fazer-se	— Dom Quixote
	Descobrimento Na Noite	— Dom Quixote
	Tempo de Paz Chuvosa	— Dom Quixote
	Em Tempos Antes, Hoje	— Dom Quixote
	Canção do Não Amar	— Dom Quixote
33	— Homem-Conseqüência	— Xyko-Cristo
	Bodi — II	— Xyko-Cristo
	Terreno Árido	— Xyko-Cristo
	Divagando	— Xyko-Cristo
	Inocente	— Xyko-Cristo

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
34	— Sobre um Tempo	— Ermi Machado
	Sobre um Rio	— Ermi Machado
	Sobre uma Gente	— Ermi Machado
	Sobre uma Vida	— Ermi Machado
	Sobre um Jeito de Dizer...	— Ermi Machado
35	— Tentação	— Barrigudinha
	75	— Barrigudinha
	Barquinho	— Barrigudinha
	Gramma	— Barrigudinha
	Simples	— Barrigudinha
36	— Colóquio	— Geni
	Renascimento	— Geni
	Fragmentos de Cotidiano	— Geni
	Quod Vis Potes	— Geni
	Artista em Busca de Si	— Geni
37	— Viagem ao Sol	— Roby
	Sexta 11	— Roby
	Serenata	— Roby
	Passou Subindo	— Roby
	Sem Título	— Roby
38	— Esperalento	— Marmaduke
	Canção de Rua	— Marmaduke
	Manhã Espanhola	— Marmaduke
	En Canto	— Marmaduke
	Olhos D'Água	— Marmaduke
39	— O Violeiro e as Estrelas	— J. L. Oliveira
	Sem Título I	— J. L. Oliveira
	Sem Título II	— J. L. Oliveira
	Sem Título III	— J. L. Oliveira
	Sem Título IV	— J. L. Oliveira
40	— Viva	— Rubiano
	Amor de Alvenaria	— Rubiano
	Só de Torre	— Rubiano
	Agora	— Rubiano
	O Meu Querido Amor	— Rubiano

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
41	— Acomoda-Ihão	— Florisbela
	Sub-Lamento	— Florisbela
	Desamor	— Florisbela
	Avanço Tecnológico	— Florisbela
	4 Paredes	— Florisbela
42	— Auto-Retrato	— Chiquita-Bacana
	Acidente, Ocidente	— Chiquita Bacana
	Geografia da Dor	— Chiquita Bacana
	Caixa Escura	— Chiquita Bacana
	Gerontodrama	— Chiquita Bacana
43	— A Canoa e o Rio	— Grog
	Denúncia	— Grog
	Elogio às Dúvidas	— Grog
	O Ventilador	— Grog
	O Relógio	— Grog
44	— Pães Azimos	— Ratty
	Mundo das Sombras	— Ratty
	Traditionnelle Famille	— Ratty
	Anêmona	— Ratty
	Abstração	— Ratty
45	— Passeio	— Girassol
	Encontro	— Girassol
	Prelúdio à Imagem	— Girassol
	Para Meu Povo Iludido	— Girassol
	Compasso	— Girassol
46	— Cotidiano	— Gisu
	Maçã-do-Amor	— Gisu
	Que é Arte	— Gisu
	Sei que Sou	— Gisu
	Madrugada	— Gisu
47	— Verde Aranha	— Saraújos
	Suor e Luar	— Saraújos
	O Pão Nosso de Cada Dia	— Saraújos
	O Menino dos Homens	— Saraújos
	Cidade do Interior	— Saraújos

Nº	TITULO	PSEUDÔNIMO
48	— Poesia	— Cinara dos Montes
	De Uma Estrela	— Cinara dos Montes
	Desolação	— Cinara dos Montes
	Só Resta Angústia	— Cinara dos Montes
	Deixa-me	— Cinara dos Montes
49	— Trombose	— I. Sobrinho
	Solais	— I. Sobrinho
	Lento	— I. Sobrinho
	Rugas	— I. Sobrinho
	Lógica	— I. Sobrinho
50	— Soneto da Mediocridade	— O Aprendiz (M. Honrosa)
	Mestra	— O Aprendiz
	Amor	— O Aprendiz
	Pude Crer	— O Aprendiz
	Alma Irmã	— O Aprendiz
51	— Sufoco	— Lírio Amarelo
	Medo	— Lírio Amarelo
	Transformação	— Lírio Amarelo
	Aniversário	— Lírio Amarelo
	Eles	— Lírio Amarelo
52	— É Preciso Sorrir Sempre	— Kalipe
	Um Sonho Lindo Demais	— Kalipe
	Preciso Tocar Você Agora	— Kalipe
	Amor	— Kalipe
	Irmãos	— Kalipe
53	— O Direito à Vida	— Michaelo Paulini
	Uma Longa Noite de Sonhos	— Michaelo Paulini
	Perplexo	— Michaelo Paulini
	Atônito	— Michaelo Paulini
	Angeline.	— Michaelo Paulini
54	— De Alguns Depoimentos . . . I	— João da Silva (M. Honrosa)
	De Alguns Depoimentos . . . II	— João da Silva
	De Alguns Depoimentos . . . III	— João da Silva
	De Alguns Depoimentos . . . IV	— João da Silva
	De Alguns Depoimentos . . . V	— João da Silva

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
55	— Preservação	— Laila
	Verde e Cinza	— Laila
	Formiplac	— Laila
	Praça 100	— Laila
	In Gloria	— Laila
56	— Os Camelôs	— Artista Poeta
	Favela	— Artista Poeta
	Crianças Perdidas	— Artista Poeta
	As Lavadeiras	— Artista Poeta
	Pertinho de Você	— Artista Poeta
57	— Salmo da Dor	— Srta. de Saint Yves
	Salmo nº VI	— Srta. de Saint Yves
	Lascívia	— Srta. de Saint Yves
	Coletor de Impostos	— Srta. de Saint Yves
	Bar do João	— Srta. de Saint Yves
58	— Infinito Real	— Barma/77
	Desilusões Tardias	— Barma/77
	Mundo Sol	— Barma/77
	Através de Los Angeles	— Barma/77
	(Não Enviou)	— Barma/77
59	— Retirantes	— Pompeu
	Regresso	— Pompeu
	Metamorfose	— Pompeu
	Gênesis	— Pompeu
	Visão	— Pompeu
60	— Universidade	— Esther de Villar
	O Valor dos Valores	— Esther de Villar
	O Que Foi Terá Sido?	— Esther de Villar
	O Absoluto	— Esther de Villar
	Contrato Esponsalício	— Esther de Villar
61	— O Escravo	— João Dutra
	Angústia de Viver	— João Dutra
	A Esperança e a Pureza	— João Dutra
	Nostalgia do Amor	— João Dutra
	A Bola e o Carro	— João Dutra

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
62	— O Céu e Morte	— Ignocy Leite
	Hoje...	— Ignocy Leite
	Rotina	— Ignocy Leite
	Shut VP	— Ignocy Leite
	Estou de Mudança	— Ignocy Leite
63	— Inesperado	— Ventana
	Tulla	— Ventana
	Anatômico	— Ventana
	Loucopia	— Ventana
	Sem Perfume	— Ventana
64	— Rua Cinzenta	— Herzog
	Coração Americano	— Herzog
	Paisagem do Interior	— Herzog
	Viagens	— Herzog
	Flor da Noite	— Herzog
65	— Profano	— Neptuna
	Esfinge-Maior-Candente	— Neptuna
	Estrela-Maior	— Neptuna
	Corpo Ateu	— Neptuna
	Esfinge	— Neptuna
66	— Solidão	— Marquelle
	Tempo Perdido	— Marquelle
	(Não Enviou)	— Marquelle
	(Não Enviou)	— Marquelle
67	— Vida/Sangue	— Elisa
	Nirvana da Dor	— Elisa
	Cromado	— Elisa
	Ato Final	— Elisa
	II	— Elisa
68	— Antítese	— Nena
	Sonho	— Nena
	Chamas	— Nena
	Ecos	— Nena
	Fim de Ato	— Nena

Nº	TITULO	PSEUDÔNIMO
69	— Sinfonia de Gritos I	— Ernani
	Sinfonia de Gritos II	— Ernani
	Sinfonia de Gritos III	— Ernani
	Sinfonia de Gritos IV	— Ernani
	Sinfonia de Gritos V	— Ernani
70	— Cigarra	— Félix Bueno
	Entardecer	— Félix Bueno
	Folhas	— Félix Bueno
	Minas	— Félix Bueno
	Ode a um Poeta	— Félix Bueno
71	— Inexpressão	— Shane
	Aprendizado	— Shane
	Desintegração	— Shane
	Apelo	— Shane
	Se...	— Shane
72	— Cabeças cegas	— Denka
	Restos de Saideira	— Denka
	Traçado	— Denka
	Ilota Carente	— Denka
	Crânio Canil	— Denka
73	— O Cárcere	— Maeca Hamps
	Proletariado	— Maeca Hamps
	Poema para um Menino	— Maeca Hamps
	Percepção	— Maeca Hamps
	Meu Nascimento	— Maeca Hamps
74	— Noite	— Barcarola
	É Tempo	— Barcarola
	A Peça	— Barcarola
	Vida	— Barcarola
	Garimpeiro	— Barcarola
75	— O Tempo	— Fênix
	Humano	— Fênix
	Rosa	— Fênix
	Hino do Mau Cheiro	— Fênix
	Favela	— Fênix

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
76	— Abismos	— Suely
	Tédio	— Suely
	Interiores	— Suely
	(Não Enviou)	— Suely
	(Não Enviou)	— Suely
77	— Cometas em Mim	— Brot
	A Um Povo	— Brot
	Fertilidade	— Brot
	Flor da manhã	— Brot
	Síntese do Complexo	— Brot
78	— Fresta de Janela	— Persona
	Criação	— Persona
	Esquizo-Dia	— Persona
	Imagens	— Persona
	Descobrimento	— Persona (2º Lugar)
79	— Falsa Origem	— Emer
	Renascer	— Emer
	Momento de Ser	— Emer
	Retrato-Extrato	— Emer
	No Vazio da Voz	— Emer
80	— Sai de mim	— Augusto Franco
	Notícia de Jornal	— Augusto Franco
	Monólogo do Quixote	— Augusto Franco
	Sem I	— Augusto Franco (1º Lugar)
	Sem II	— Augusto Franco
81	— Os Cantos de Rubirosa	— Márdoli
	80 Ser Feliz	— Márdoli
	Vento-Mar-Areia	— Márdoli
	Brisa	— Márdoli
	Relógio (e outros)	— Márdoli
82	— A Greve	— Lavbar
	O Velho Eu	— Lavbar
	Os Velhos Discos	— Lavbar
	Introspectiva	— Lavbar
	Os Fantasmas	— Lavbar

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
83	— Minas Mulher	— Dário 77 (3º Lugar)
	Para uma Desconocida...	— Dário 77
	Por Uma Locutora...	— Dário 77
	Na Noite Va Galopando	— Dário 77
	Mercado Central de Noite	— Dário 77
84	— Do Princípio do Fim	— Brena
	Lamentos	— Brena
	Sonhos	— Brena
	Talvez	— Brena
	Poemata	— Brena
85	— Cena 1	— Iaa
	Cena 2	— Iaa
	Cena 3	— Iaa
	Cena 4	— Iaa
	Cena 5	— Iaa
86	— Tempo e Lugar	— Poupoux
	Fases da Lua	— Poupoux
	Se Fosse a Última	— Poupoux
	Ponto Final	— Poupoux
	O que Há?	— Poupoux
87	— Momento 1	— Átila
	Momento 2	— Átila
	Momento 3	— Átila
	Momento 4	— Átila
	Momento Final	— Átila
88	— Anti-Soneto dos Anjos	— Pedro Lobo
	Instantes	— Pedro Lobo
	Aqui-Revolta	— Pedro Lobo
	Aqui-Viver	— Pedro Lobo
	Plano Emocional	— Pedro Lobo
89	— Perfil de Qualquer Um	— Cessi Matildi
	Entendimento	— Cessi Matildi
	Sangue-Suga	— Cessi Matildi
	Retratando	— Cessi Matildi
	De-Formação	— Cessi Matildi

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
90	— Pêndulo	— Arraia Miúda
	Dois Cachorros	— Arraia Miúda
	Luta de Classes	-- Arraia Miúda
	Azul e Vermelho	— Arraia Miúda
	Resistência-1977	— Arraia Miúda
91	— A Carlos Drumond...	-- Celibato
	Bola de Ouro	— Celibato
	O Circo	— Celibato
	A Terra Além...	— Celibato
	Natimortos	— Celibato
92	— Relógio	-- Sancho Pança
	Como Num Sonho	— Sancho Pança
	A Volta de Dom Quixote	— Sancho Pança
	A Dama da Noite	— Sancho Pança
	Solidão	— Sancho Pança
93	— Transformação	— João
	Soneto dos Motivos	— João
	Dependendo	— João
	Cena de Rua	— João
	Morte na Favela	— João
94	— Belo Horizonte	— Ana
	Versos de Meu Reverso	— Ana
	Gardênia e Primavera	— Ana
	Jogo da Amarelinha	— Ana
	Construindo o Sonho	— Ana
95	— Silêncio Tumular	— Sibiato
	A Federico Garcia Lorca	— Sibiato
	Descaminhos	— Sibiato
	Sou Obrigado	— Sibiato
	Soneto da Esperança	— Sibiato
96	— Os Meninos de Meu Bairro	— Pueta
	Tristeza	— Pueta
	Meu Humilde Jardim	— Pueta
	O Menino Que Sonhava	— Pueta
	Maria da Lagoa	— Pueta

Nº	TÍTULO	PSEUDÓNIMO
97	— No Alvo	— Eme
	Dúvida	— Eme
	Proposição	-- Eme
	Mergulho	— Eme
	Sem Forma: Idéia Fixa	-- Eme
98	— Morena Vento	— Sem
	Identidade	— Sem
	Coincidentes	— Sem
	Entre Quatro Paredes	— Sem
	Esper'Ansias	— Sem
99	— Busca	-- Gap
	Sonho	-- Gap
	Eu	— Gap
	Depressão	— Gap
	Luz	— Gap
100	— Irrealidade de Uma...	— Aruel
	Natureza de Nossas...	— Aruel
	Ao Senhor Dor...	-- Aruel
	Fantasia	— Aruel
	Hino à Bomba	— Aruel
101	— Um Novo Processo	— Coruja
	Silêncio	— Coruja
	Tempo Bibliotecário	— Coruja
	Viva Kafka	— Coruja
	(Não Enviou)	-- Coruja
102	— Saudades	— Meli
	Alternativa Única	— Meli
	Maresia	— Meli
	Urgência	— Meli
	Cotidiano	— Meli
103	— Gramática	— Reinério
	Nova Alegoria	— Reinério
	Horminização	— Reinério
	Elogio do Corpo	— Reinério
	Sociedade de Consumo	— Reinério

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

- «**Rosalía de Castro Y Sus Sombras**», de Marina Mayoral — Fundação Universitária Espanhola — 1976 — Madri — Espanha.
- «**Tristana**», de Josefina Carabias — Fundação Universitária Espanhola — 1975 — Madri — Espanha.
- «**Um Período Por Estructurar: El Novecentismo Español**», de Guillermo Díaz-Plaja — Fundação Universitária Espanhola — 1975 — Madri — Espanha.
- «**Emilia Pardo Bazan, Abogada de Europa en España**», de Nelly Clemessy — Fundação Universitária Espanhola — 1975 — Madri — Espanha.
- «**Concepción Arenal En El Origen de Unos Cambios Sociales**», de Condessa de Campo Alange — Fundação Universitária Espanhola — 1975 — Madri — Espanha.
- «**Pepita Jimenez, Mujer Actual**», de Carmen Bravo-Villasante — Fundação Universitária Espanhola — 1976 — Madri — Espanha.
- «**Manuela Saenz, El Último Amor de Bolívar**», de Mercedes Ballesteros — Fundação Universitária Espanhola — 1976 — Madri — Espanha.
- «**José Santos Chocano, Poeta Y Diplomático de La Hispanidad**», de Adolfo Cuadrado Muñiz — Fundação Universitária Espanhola — 1976 — Madri — Espanha.
- «**Tipobibliografias da Biblioteca Bibliografica Hispanica**», de Pedro Sainz Rodriguez — Fundação Universitária Espanhola — 1976 — Madri — Espanha.
- «**Indices de Publicaciones Periodicas da Biblioteca Bibliografica Hispanica**», de Pedro Sainz Rodriguez — Fundação Universitária Espanhola — 1976 — Madri — Espanha.
- «**Repertorios Por Lugar de Nacimiento da Biblioteca Bibliografica Hispanica**», de Pedro Sainz Rodriguez — Fundação Universitária Espanhola — 1975 — Madri — Espanha.

- «**Repertorios Por Profesiones Y Otras Características Personales da Biblioteca Bibliográfica Hispánica**», por Pedro Sainz Rodriguez — Fundação Universitária Espanhola — 1976 — Madri — Espanha.
- «**La Poesía Rítmica de Los Goliardos Medievales**», de Ricardo García-Villolada — Fundação Universitária Espanhola — 1975 — Madri — Espanha.
- «**Epistolario Alfonso Reyes e José M. Chacon**», de Zenaida Gutierrez-Vega — Fundação Universitária Espanhola — 1976 — Madri — Espanha.
- «**Fabulario**», de Sebastian Mey — Fundação Universitária Espanhola — 1975 — Madri — Espanha.
- «**Súmarío Actual de Revistas**» — Biblioteca do Instituto de Cultura Hispánica — Números 14 e 15 — 1975 — Madri — Espanha.
- «**Script**», de Francisco Igreja — Editora Artenova — Rio de Janeiro — RJ.
- «**Crepúsculo Para a Paz**», de Geraldo Dias da Cruz — Editora do Escritor — Uberlândia — MG.
- «**Do Apocalipse**», de Reinaldo Ribeiro Reis — Editora Littera Maciel — Belo Horizonte — MG.
- «**The Centennial Review**» — College of Arts and Letters — Michigan State University — números 1 e 3 — Volume XXI — EUA.
- «**Courrier du Centre International D'Études Poétiques**» — Maison Internationale de la Poesie — números 117 e 118 — Bruxelas — Bélgica.
- «**Revista Hoja**» — Editorial Universitaria Centroamericana — nº 10 — Costa Rica — CA.
- «**San Marcos**» — Revista de Artes, Ciencias y Humanidades — números 15 e 16 — Universidade Nacional Mayor de San Marcos — Lima — Peru.
- «**Veredas**» — Revista de Letras e Artes — número 2 — Osasco — SP.

ALGUMAS CRITICAS A REVISTA LITERÁRIA DO CORPO DISCENTE DA UFMG

CARTAS

«... Revista Literária, a qual sempre é lida com o maior carinho...

Eliezer Zac — São Paulo — SP.

«... como sempre, a Revista está excelente. É motivo de orgulho para nós, mineiros. Parabéns...»

Wilson Alvarenga Borges — Rio de Janeiro — RJ.

«... a Revista de vocês é sempre fabulosa!»

Marlene Guimarães dos Santos — Rio de Janeiro — RJ.

«... é sempre uma alegria receber tão educativa Revista».

Augusto Martínez Perez — Paranaíba — Mato Grosso

«... é sempre com muita satisfação e com alegria que recebemos a Revista Literária... boas horas de leitura de qualidade...»

Rosângela Célia Cabral — Santo Antônio do Monte — MG.

«... e, procurar palavras para elogiá-la é inútil. Todos têm ciência do nível e gabarito de seu conteúdo...»

Norton Andrade — Belo Horizonte — MG.

«... e aproveito para parabenizá-lo pela excelente qualidade da Revista...»

Márcio Lara Resende — Belo Horizonte — MG.

«... recebi... continuem batalhando pela literatura. A esta revista maravilhosa desejo muitos números de vida...»

Mônica de Catella Noronha Amabile — Belo Horizonte — MG.

«... você está de parabéns pela continuidade do trabalho. Revistas de literatura aparecem e desaparecem e a RL continua...»

Maria Consuelo Porto Gontijo — Belo Horizonte — MG.

«... achei maravilhosa a Revista... é um ótimo caminho para os poetas mineiros... o que seria deles sem uma revista como essa? A Revista é cultura, informação, é entrosamento...»

Marta Miranda — Belo Horizonte — MG.

«... fomos distinguidos... exemplar da Revista Literária... cumprimentá-lo pelo excelente trabalho realizado... material de tão boa qualidade, divulgador de mensagens literárias...»

Iris Chalfun — Prefeito da UFMG — Belo Horizonte — MG.

«...o prazer das boas leituras como de sua sempre apreciada Revista Literária...»

Lauro Moutinho — Rio de Janeiro — RJ.

JORNALIS

«... a sempre bem cuidada Revista Literária da UFMG...»

Estado de Minas — 16 de setembro de 1977 — Belo Horizonte — MG.

«... é também um tema da maior importância e acuidade, pelo que trazemos a lume a tarefa que está a desempenhar de há anos a esta parte a Revista Literária do Corpo Discente da Universidade Federal de Minas Gerais, a qual acaba de circular mais uma vez... como é sabido, o Estado de Minas é um dos mais evoluídos de todo o vasto e generoso Brasil...»

João Correia — O Semanário — Trofa — Portugal.

«Revista Literária do Corpo Discente da UFMG... comprova o dinamismo do movimento das letras de um centro já notável no Brasil inteiro, com reflexos além fronteiras... a RL cresce a cada número...»

Oswaldo Lopes de Brito — Diário da Manhã — 27 de novembro de 1977 — Ribeirão Preto — SP.

«... essa admirável Revista Literária que vem atravessando o mar revolto da literatura mineira... onze anos publicando trabalhos de alunos e professores e lançando novos nomes na literatura nacional...»

Diário da Tarde — 18 de junho de 1977 — Belo Horizonte — MG.